

**Estética do Desporto – Contributo para o
esclarecimento desta temática a partir da
perspectiva de atletas veteranos.**

Sara Isabel Vilaça Ferreira

Porto, 2008

**Estética do Desporto – Contributo para o
esclarecimento desta temática a partir da
perspectiva de atletas veteranos.**

Monografia, realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano, da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Recreação e Tempos Livres da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientadora: Professora Doutora Teresa Oliveira Lacerda
Sara Isabel Vilaça Ferreira

Porto 2008

Ferreira, S. (2008) Estética do Desporto – contributo para o esclarecimento desta temática a partir da opinião de atletas veteranos. Porto: S. Ferreira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: ESTÉTICA DO DESPORTO, ATLETAS VETERANOS, CATEGORIAS ESTÉTICAS

Dedicatória

À minha Família

Agradecimentos

Após uma caminhada longa e árdua, é difícil não mencionar todas as pessoas que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para que tal meta pudesse ser alcançada. A todos o meu sincero obrigado e desculpem-me aqueles que não mencionar, quero que saibam que não me esqueci e que estarão sempre no meu coração.

À Professora Doutora Teresa Oliveira Lacerda, pelos seus sábios conselhos que em muito ajudaram a enriquecer este trabalho. Pelo seu carinho paciência e dedicação. É para mim exemplo de competência e sabedoria.

A todos os entrevistados que fazem parte do estudo, pois sem eles nada seria possível. Agradecimento especial ao Professor Doutor José Augusto, pela preciosa ajuda na angariação dos elementos que compuseram a amostra.

Aos meus amigos, pela ajuda e apoio demonstrado.

À minha família, a quem devo tudo aquilo que sou.

Ao António, por tudo.

Índice Geral

Agradecimento	VII
Índice Geral	IX
Índice de figuras	XI
Índice de quadros	XIII
Resumo	XV
Abstract	XVII
Résumé	XIX
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	5
2.1) Enquadramento	5
2.2) Apreciação Estética do Desporto	13
2.3) Categorias Estéticas	22
2.4) Apreciação Estética e gosto /afinidade por um Desporto	31
3. Procedimentos Metodológicos	35
3.1) Caracterização do grupo de estudo	35
3.2) A investigação qualitativa	41
3.3) A entrevista	42
3.3.1) Elaboração e validação das entrevistas	46
3.3.2) Análise das entrevistas	47
3.3.3) As categorias de análise	49
4. Análise, discussão e interpretação dos resultados	55
4.1) Categoria Beleza	60
4.1.1) Categoria Perfeição	62

4.1.2) Categoria Superação / Transcendência	65
4.1.3) Categoria Criatividade	68
4.1.4) Categoria Harmonia	71
4.1.5) Categoria Fluidez	73
4.2) Afinidade	74
4.3) Outras categorias	77
5. Conclusões	91
6. Bibliografia	95
Anexos	

Índice de figuras

Figura 1. Profissões exercidas pelos inquiridos	36
Figura 2. Formação académica dos inquiridos	36
Figura 3. Idade com que os inquiridos iniciaram a prática desportiva	37
Figura 4. Modalidades praticadas pelos inquiridos	37
Figura 5. Número de anos de prática que os inquiridos possuem no Desporto não Federado	38
Figura 6. Número de anos de prática que os inquiridos possuem no Desporto Federado	38
Figura 7. Número de entrevistados que já participou em competições a nível internacional	39
Figura 8. Número de entrevistados que já representou a selecção Nacional	39

Índice de quadros

Quadro nº 1 – Categorias estéticas evidenciadas pela literatura (Lacerda, 2002, p. 198)	30
Quadro nº 2 – Categorias estéticas focadas pelos entrevistados	90

Resumo

Não há margem para dúvidas de que o Desporto é um dos fenómenos mais marcantes da sociedade contemporânea e, como tal, deve ser estudado a partir de diferentes formas e sentidos. Neste contexto, a Estética do Desporto surge como uma dessas formas possíveis. Atendendo a aspectos como o valor estético do Desporto, a sua capacidade em provocar uma experiência estética (tanto em quem o pratica como em quem o observa), assim como a questões que se ligam com a sua apreciação e fruição, esta área de investigação vai, a pouco e pouco, esclarecendo estes domínios.

Tendo em conta a escassez de trabalhos centrados na perspectiva de quem interage directamente com o Desporto, o principal objectivo do nosso estudo centrou-se em conhecer o entendimento de Estética do Desporto por parte de atletas veteranos de referência. Partiu-se do pressuposto de que indivíduos com uma forte ligação ao Desporto de longa data, poderiam, com o seu contributo esclarecido, dilatar o conhecimento relativamente a esta temática.

Procedemos à elaboração e aplicação de uma entrevista semidirectiva, para a recolha dos dados (opinião dos inquiridos), recorrendo posteriormente à análise de conteúdo, da qual resultou um quadro de categorias patenteadas nas respostas dos entrevistados.

As categorias que se evidenciaram vêm ao encontro daquilo que é salientado pelos dados da literatura, ou seja, os atletas focaram muito as suas ideias com base no conceito de beleza, estando esta, na sua opinião, relacionada com perfeição (qualidade técnica), superação, criatividade, harmonia, fluidez e de certo modo também algo condicionadas pelo gosto/afinidade que cada um possui em relação a cada modalidade desportiva. É opinião geral de que o Desporto pode proporcionar experiências estéticas e é também aceite pelos inquiridos que essa experiência se altera de acordo com as características de cada modalidade.

Palavras-chave: ESTÉTICA DO DESPORTO, ATLETA VETERANO, CATEGORIAS ESTÉTICAS.

Abstract

There is no doubt that Sport is one of modern society's most remarkable phenomena and, as such, it must be studied from different ways and forms. In this context, the Aesthetic of Sport appears like one of those forms. Regarding aspects like the aesthetic value of Sport, its capacity in provoking an aesthetic experience (as much in those who practices it as in those who watches), and also questions related to its likeness and enjoyment, this research area is, bit by bit, enlightening all these domains.

Remarking the lack of works focused in the perspective of who directly interacts with Sport, the main purpose of our study is based in knowing the perception of the Aesthetic of Sport of some prestigious veteran athletes.

We based on the belief that individuals strongly attached to Sport since a long time could, with their enlightened contribution, increase the knowledge about this theme.

We've proceeded to the elaboration and application of a semi conductive interview, to collect the data (enquiries opinion) and afterwards to the contents' analysis, from where it derived a patented categories board based on the interviewed's answers.

The categories that showed are in line of what is remarked by literature's data, that is, athletes focused very much their ideas in the concept of beauty, this one, in their opinion, related to perfection (technical quality), superation, creativity, harmony, smoothness, and in certain way, also a bit conditioned by taste/affinity of each one towards to each sport's modality.

The general opinion is that Sport can provide aesthetic experiences and is also accepted by the interviewed that this experience changes accordingly to each modality's characteristics.

Keywords: AESTHETIC OF SPORT, VETERAN ATHLETE, AESTHETIC CATEGORIES

Résumé

Il n'y a aucun doute que le sport est le phénomène le plus marquant de la société et comme tel, il doit être envisagé de différentes formes et sensés. L'esthétique du sport apparaît comme un secteur qui étudie le phénomène de différents points de vue de ceux que nous sommes habitués, néanmoins son champ de recherche est encore très vaste.

Vu la pénurie de travail sur ce thème centrés sur la perspective qui interagit directement avec le sport, le principal objectif de notre étude s'est centré à connaître l'avis des athlètes vétérans de référence, sur l'esthétique du sport.

Nous procédons à l'élaboration d'une entrevue, dans ce cas semi-direct, pour acquérir l'information en faisant appel ultérieurement à l'analyse de contenus, desquels a résulté un tableau de catégories conformément aux réponses interviewés.

Les catégories les plus marquantes viennent à l'encontre des plus référencées dans les données littéraires, c'est-à-dire, les athlètes ont souvent basé leurs idées sur un concept de beauté, qui d'après leur opinion, est liée par la perfection (qualité technique), surpassement, créativité, harmonie, fluidité et d'une certaine façon aussi quelque chose conditionné par le goût/affinité que chacun possède concernant ces sujets. C'est d'avis général que le sport peut fournir des expériences esthétiques et aussi est acceptée par les enquêtés que cette expérience se modifie selon les caractéristiques de chaque modalité.

Mots-clés : ESTHÉTIQUE DU SPORT, ATHLÈTE VÉTÉRAN, CATEGORIES ESTHÉTIQUES

Introdução

1. Introdução

Consolidando a passagem de um mundo que se denominou “moderno”, para um outro, apelidado “pós-moderno”, marcado não por uma ausência de valores, mas sim pela emergência de outros, que torna inválidos os das gerações anteriores (Gervilla, 1993), um dos fenómenos culturais mais marcantes, mais mediáticos e eminentes continua a ser, sem dúvida, o fenómeno desportivo, constituindo-se um campo de considerável significado social.

“Goste-se ou não do Desporto não se lhe pode ficar indiferente. Há nele, sempre, algo que nos fascina. O esforço dos atletas, a ideia de superação. A beleza dos corpos, a plástica do movimento, as emoções e a cor, a vitória e a derrota, a festa e o drama..., são valores a que não somos insensíveis.” (Marques, 1993, p. 31).

Partindo do pressuposto de que o Desporto se assume como um fenómeno deveras complexo, o seu estudo reclama a presença de abordagens também elas complexas e globais.

De acordo com Marques (2000), sentimos hoje a necessidade de questionar que ou quais são os sentidos e os valores do Desporto contemporâneo. Será a vitória, pelo seu poder de afirmação e reconhecimento social? Será a procura da excelência e da qualidade, numa dimensão profissional e promocional do espectáculo? Ou passará pela busca da transcendência, pelo alcance de horizontes aparentemente inatingíveis e pelo enaltecimento dos valores do corpo?

Deste modo, o Desporto contemporâneo transformou-se num duplo objecto de investigação – em primeiro lugar enquanto fenómeno mundial, global e local, cultural, social, mobilizador de multidões e de milhões, acatando os interesses de mercado (o lado mais visível do Desporto que todos conhecemos), e, em segundo, enquanto conhecedor e apreciador do corpo, ou seja, enquanto universo de significados e interpretações (Rocha, 2007).

No entender de Bento (1995, p. 222), o Desporto assume-se como um espaço onde “o corpo tem voz e fala”, “onde o corpo é interlocutor permanente”,

para além de que no Desporto, o movimento e o corpo humanos atingem um estado de realidade e de verdade. Ou seja, na opinião do mesmo autor, o movimento e o corpo não desaparecem no Desporto – “desportivizam-se”.

Ainda segundo Bento, o Desporto carece de perguntas que o interroguem fora da polarização do preto ou branco, do pró ou contra (Bento, 1995, p.270).

Sabemos que o Desporto é cada vez mais uma matéria de saber científico, no entanto, as suas reflexões centram-se bastante em temáticas como a fisiologia e a psicologia. Para Sobral (1990), o Desporto, “esse imenso ritual de superação”, constitui também uma fonte inesgotável de incitações à reflexão filosófica (*id.*, p. 134). Tal como afirma Bento (1998, p. 116), numa perspectiva mais geral, “(...) o mundo é feito hoje de ciência e tecnologia. (...) por via disso, abundam nele fórmulas e palavras exactas, cheias de sentido e razão, mas vazias de sensações e sentimentos”.

Por sua vez, Marques (1993) opina que é ainda difícil sustentar ideias precisas acerca da sua natureza e importância, contudo, parece inegável que o Desporto possui uma dimensão Estética.

A Estética do Desporto surge assim como uma área de estudo que nos permite mergulhar mais profundamente no fenómeno desportivo. E tal como refere Cunha e Silva (1995), o objecto (Desporto) é amplificado e poliperspectivado quando recorremos à mais-valia Estética. O mesmo autor afirma ainda que, embora não se pretenda que a Estética do Desporto seja a última leitura sobre o fenómeno, aquela que vai esclarecer todas as zonas mais sombreadas, ela é um contributo não escotomizável para a compreensão desse objecto.

É neste contexto que surge a nossa problemática. Tendo como ponto de partida o fenómeno desportivo e levando em consideração a grande lacuna existente relativamente a pesquisas centradas numa perspectiva Estética, na opinião de quem interage directamente com o Desporto (seja o atleta, seja o espectador), procuraremos conhecer melhor, como é que os praticantes veteranos perspectivam a Estética do Desporto e como é que explicam em que consiste esta dimensão.

Entendendo a Estética como um modo particular de perceber a realidade (Marques, 1993), ela não existe no abstracto, constituindo-se a Estética do Desporto como uma das formas possíveis de analisar o fenómeno desportivo (Lacerda, 1997). De acordo com Marques e Botelho Gomes (1990), é muito vasto o seu objecto de estudo, pelo que a Estética do Desporto abarca um campo de investigação bastante amplo.

Considerada hoje como uma disciplina da Estética (geral) e das Ciências do Desporto, procura investigar, entre outros campos (Thieß e Schnabel, 1986, cit. por Marques e Botelho Gomes, 1990, p. 222) “(...) as qualidades estéticas do corpo humano e dos seus movimentos nos diferentes modos e formas de acções desportivas.”

Com o presente estudo, procurou-se compreender o entendimento de Estética do Desporto por parte de atletas veteranos de referência. O grande propósito da investigação situou-se em clarificar como é que praticantes de grande valia desportiva e de longa data, explicam e comunicam a sua perspectiva relativamente a esta temática. Partiu-se do pressuposto de que uma forte ligação ao Desporto, tanto do ponto de vista do número de anos de prática, como do elevado nível de rendimento alcançado, constituiriam uma mais valia no esclarecimento deste domínio das Ciências do Desporto. Buscamos perceber se conceitos como valor estético, experiência estética e categoria estética marcavam presença no discurso do grupo de estudo, com vista à clarificação da sua perspectiva relativamente à Estética do Desporto. Procurou ainda perceber-se a influência do gosto ou afinidade por uma modalidade desportiva na clarificação desta dimensão do Desporto.

Embora o número de trabalhos sobre esta temática não acompanhe a periodicidade de outras áreas do conhecimento, é notório um interesse cada vez mais acentuado pela análise do Desporto através do mediador estético.

São, de seguida, descritos os pontos que compõem este estudo:

Depois da introdução, que constitui o primeiro ponto, passamos à revisão da literatura, a qual constitui o ponto segundo. Aqui procuramos clarificar o conceito de Estética do Desporto, recorrendo a alguns pensadores que se têm debruçado sobre o assunto. Pareceu-nos mais pertinente fazer somente uma

pesquisa relativamente à Estética do Desporto, por se tratar de uma área de estudo que começa a ganhar importância e alguma dimensão, logo não faria sentido situá-la dentro da Estética Geral. Começamos por fazer um enquadramento, de modo a conhecer o estado da arte, e aqui foram analisadas as perspectivas de alguns autores que fazem então a aproximação do Desporto à Estética. De seguida analisamos os aspectos referidos na literatura que contribuem para a apreciação estética do Desporto, as categorias estéticas mais referenciadas e, por fim, as questões da influência, da afinidade com determinado Desporto na apreciação estética. Este ponto torna-se relevante na medida em que confere sustentabilidade a todo o trabalho.

O ponto seguinte, terceiro, refere-se à metodologia utilizada. Descrevemos todo um conjunto de procedimentos relativos ao instrumento utilizado, sua construção, justificação e respectiva aplicação, para além da técnica utilizada para a interpretação do nosso *corpus* de estudo, de onde emergiu um quadro de categorias.

A apresentação dos resultados constituiu o ponto quarto. Neste ponto procuramos analisar e interpretar os resultados obtidos, fundamentando-os à luz do pensamento dos principais pensadores da Estética do Desporto.

As conclusões do estudo são apresentadas no quinto ponto, tendo como propósito expor as considerações finais mais relevantes do nosso trabalho.

O sexto e último ponto ficou reservado para as referências bibliográficas utilizadas.

Revisão da Literatura



2. Revisão da Literatura

“O Desporto é um fenómeno tão rico e variado que bem merece que o contemplemos de diferentes pontos de vista. Todas as ciências humanas têm muito a descobrir neste campo onde o homem e a sociedade podem receber esclarecimentos surpreendentes sobre a sua origem, a sua natureza e o seu destino.” (Costa, 1997)

2.1) Enquadramento

Se a Estética do Desporto é uma área de estudo recente, o mesmo não se pode afirmar relativamente à consciência de que a actividade desportiva encerra valor estético. Já em 1938, num trabalho intitulado *Desporto, Jogo e Arte*, Lima sustentava que o Desporto pode suscitar profundas emoções estéticas. As aproximações do Desporto à Arte são recorrentes mas, o desenvolvimento e a sustentabilidade da Estética do Desporto passam pelo preenchimento desse imenso espaço para investigação que existe neste domínio. Lacerda (2001) refere que a aproximação ou muitas vezes a sobreposição entre os termos Estética e Arte diminui as abordagens possíveis, uma vez que os dois domínios são tomados como sinónimos. A noção de Estética é mais ampla do que a de Arte (Arnold, 1997).

Ao longo da História da Humanidade, a História da Estética fez transparecer uma forte relação e associação dos seus valores aos valores morais – mesmo sem a existência de uma certeza fundamentada, assumia-se a identificação do ético e do estético, do bom e do belo (Marques e Botelho Gomes, 1990). No século V a. C. o bom e o belo traduziam o ideal de perfeição física e moral, “(...) assumindo a grandeza humana um suporte físico pleno de harmonia estética (...)”, como nos demonstra a estatuária grega, inspirada pelos corpos dos atletas da época (Garcia & Lemos, 2005, p. 26).

No entanto, seguindo esta linha de pensamento e atendendo a perspectivas mais actuais, é importante ressaltar que a Estética contemporânea já não se encontra aprisionada no conceito de “beleza”, ela já

não tem como fulcro legitimador o “Belo” aclamado por Platão (427-348 a. C.). Tem sim, no seu lugar, a noção mais abrangente de “qualidade estética” ou “valor estético” (Lacerda, 1997, p. 19). Ou seja, não obstante a beleza estar no cerne da discussão sobre a Estética, o seu conceito clássico (absoluto e atemporal) não abarca todas as possibilidades do estético, podendo ser apenas um conceito entre tantos outros (Porpino, 2003).

Nesta perspectiva, concordamos com Porpino (2003) quando afirma que o ideal clássico de beleza não é exclusivo nem suficiente para envolver o universo estético nos dias de hoje: no mundo da arte “(...) podemos perceber que inúmeras obras (...) contemporâneas negam o conceito clássico de beleza ao expressarem aspectos trágicos, aterrorizantes, retorcidos e pouco harmoniosos da realidade, sem no entanto serem descartados como objectos de grande valor artístico e estético.” (p. 152).

Atendendo à origem etimológica do termo Estética, somos encaminhados para a palavra grega *aisthesis*, que significa “sensação” e “sentimento”, estando deste modo associado aos sentidos, à sensorialidade (em sentido objectivo), e, também, à sensibilidade (em sentido subjectivo) (Ferreira, Ximenez & Gottschalk, 1994, cit. por Lacerda, 1997).

Também Patrício (1993), reconhecendo que o belo se manifesta na experiência sensível, o diferencia em dois níveis: o primeiro, o da sensorialidade, a qual nos permite aceder apenas e só à sensação, e o segundo, o da sensibilidade, que nos permite aceder à beleza. Deste modo, a beleza é mais rica que a pura sensação, já que é ela que nos proporciona a presença do valor estético. O autor confere assim à experiência estética uma tónica sentimental.

Porpino (2003) apoia-se em Dufrenne (1988) para realçar que é precisamente nesta relação, entre o sensível e o sentido, que o belo se manifesta, ou seja, tudo desponta não a partir do objecto (percebido) nem do sujeito (que percebe), mas sim da relação entre ambos. É a partir daqui que percebemos que a beleza não existe *a priori*. Ela existe sim como resultado da reciprocidade entre sujeito e objecto, como resultado de algo que não está fora do corpo, mas que é o próprio corpo, na tentativa de interpretar o mundo – e

aqui se instala o seu carácter subjectivo, na medida em que um objecto ou uma situação podem ser consideradas belas apenas por alguns (Beardsley & Hospers, 1997; Porpino, 2003).

Tal como nos foi transmitido pela perspectiva kantiana, o juízo estético não pode ser mais do que subjectivo, sendo o gosto um campo de opção pessoal, e a Estética uma “satisfação desinteressada e livre”, que dimana das imagens e do universo simbólico (Adorno, 1970, p. 21; Dufrenne, 1988, p. 17; Fernandes, 1999, p. 282).

Para Bayer (1997, p. 201), Kant (1724-1804) foi certamente o primeiro a declarar que o domínio estético não é conhecimento, mas é sentir, sendo que o que caracteriza a visão estética é o facto de ser única, exclusiva e imediata. Ao analisar o belo e o sublime, Kant enquadra-os para lá das concepções intelectuais e do entendimento, pelo facto de neles estar presente o elemento afectivo e uma satisfação qualitativa, produzindo um prazer partilhado, puramente subjectivo.

Nesta perspectiva, “(...) a forma estética de contemplar o mundo é, geralmente, contrária à atitude prática, que apenas se interessa pela utilidade do objecto em questão (...)”, ou seja, na observação Estética, observamos algo pelo prazer que nos transmite (Beardsley & Hospers, 1997, p. 99). De acordo com os autores, aqui se consolida uma teoria subjectivista, a partir do momento que se considera que o que faz algo esteticamente valioso não são as suas propriedades, mas sim a relação que se estabelece entre o objecto e os “consumidores” estéticos.

No entender de Adorno (1970), intimamente ligada à autonomia estética está a ideia de liberdade. Da mesma ideia partilhava Hegel (1770-1831, cit. por Bayer, 1997, p. 305), para quem “(...) o belo exige a liberdade, qualidade essencial ao espírito (...)”. Assim, no seu entender, “(...) no processo estético, o sensível é espiritualizado e o espiritual aparece como sensibilizado (...)” (*ibid.*, p. 309).

Foi no século XVIII, com o alemão Baumgarten (1714-1762) que, pela primeira vez, esforços foram feitos no sentido da concretização de uma separação entre a ciência do bom e do belo (Bayer, 1997) e que a Estética

entrou no vocabulário do mundo moderno, querendo significar a ciência das sensações (Hegel, 1993). Quase duzentos anos depois, é no século XX que a Estética se vai autonomizando da “reflexão filosófica, da crítica literária e da história da arte” (Bayer, 1997, p. 13), vivendo um contínuo processo de enriquecimento e construção, comprometendo-se com a emergência de novos valores e categorias.

Para Cunha e Silva (1995), recorrendo à perspectiva e à mais-valia estética, estamos em condições de redimensionar e engrandecer o objecto. Deste modo, e remetendo para o nosso campo de estudo, podemos afirmar que a Estética do Desporto busca atribuir novos significados, novas interpretações, novas formas de apreciar o fenómeno desportivo. Da mesma opinião partilha Porpino (2003, p. 145), para quem a experiência estética se estabelece numa “(...) relação de imanência entre sujeito e objecto.”

Na opinião de Lacerda (2004, p. 245), a Estética do Desporto visa elevar-se a “lugar de passagem”, assegurando o acesso a “novas dimensões da criatividade e imaginação humanas”. Pretendemos deste modo chamar a atenção para as diversas possibilidades da Estética e evidenciar que o tipo de experiência que ela nos concede se dá em múltiplos espaços, como por exemplo, no Desporto, partilhando assim da opinião de Lovisolo (1997), que defende que o Desporto evoca a presença de elementos estéticos. Para o autor, a cultura actual caracteriza-se como “a cultura do espectáculo”, e estando o Desporto integrado nesta lógica, ele transmite grandiosidade e emocionalidade, situando-se dentro do campo da observação e da interpretação estéticas; ele transporta uma “natureza quente”, capaz de fazer crescer os nossos sentimentos e sensibilidade, capaz de fazer aumentar a nossa carga emotiva (*ibid.*). Concordamos assim com Lovisolo, que afirma que “(...) o Desporto passou a ser predominantemente pensado na linguagem do gosto, do belo e do sublime, da sensibilidade, dos sentimentos e das emoções.” (*ibid.* p. 97).

Vilas Boas (2006) entende que o Desporto não se representa somente no treino, na tática, no regulamento. No Desporto, independentemente da modalidade, estão patentes “(...) a alegria do movimento, o prazer de possuir

um corpo saudável e bonito, (...) a partilha de emoções, que não são só desportivas, mas que podem, inclusivamente, ser estéticas. A partir de tudo isto, abrem-se novos mundos e uma nova visão do Desporto, mais abrangente, mais receptiva, mais global e inclusiva” (*ibid.*, p. 150).

Na visão de Elias e Dunning (1985), o Desporto autoriza, de uma forma muito particular, os sentimentos a fluírem livre e espontaneamente, destinando-se, de igual modo, a mobilizar e a estimular emoções. Dufrenne (1988) e Genette (1997, cit. por Lacerda, 2002) realçam que os objectos que não são considerados obras de arte podem, de igual modo, originar um julgamento e uma reacção de valor estético, quiçá ainda mais intensa.

A consideração do Desporto do ponto de vista estético radica na importância de olhar esteticamente para a diversidade dos desportos. Os dados da literatura evidenciam um conjunto significativo de autores que partilha do entendimento de que todos os desportos detêm valor estético.

Lacerda (2002, p. 23) argumenta que ao estabelecer-se uma relação entre Desporto e Estética, “(...) essa relação vale por si, pelo que é capaz de proporcionar ao desportista, e também, (...) pelo que é susceptível de oferecer ao observador”. De modo semelhante, Witt (1989) sustenta que para muitos atletas e espectadores, a experiência estética é entendida como um dos aspectos mais cativantes do Desporto, senão mesmo o mais fascinante.

Para Fisher (1972, cit. por Osterhoudt, 1991), o Desporto constitui uma fonte muito rica de experiência estética. Assim, de acordo com o autor, podemos considerar o Desporto como uma situação estética que integra e totaliza três aspectos principais: o atleta, ou artista, o espectador e o Desporto, sendo este entendido como o produto estético. Deste modo, o atleta é considerado o criador e o espectador o observador do Desporto, sendo este caracterizado como o objecto de criação.

Neste contexto, Cunha e Silva (1999) exalta como belo é o corpo do atleta em acção na prática desportiva, sendo que grande parte do protagonismo cultural do corpo desportivo é resultado do carácter estético que transporta.

Lipovetsky (1992) testemunha a capacidade que o Desporto tem de nos extasiar, quando ilustra as imagens daquilo que excede e supera as nossas

capacidades (comuns): “(...) a sua força reside no fascínio da *excepcionalidade* corporal tornada possível por via da competição.” O que está “no centro do poder do acontecimento desportivo é a sedução da *performance* atlética e a Estética do desafio corporal.” (*ibid.*, p. 134). Para Teixeira (1998) chega mesmo a causar admiração a forma como se enaltece e valoriza o belo e o poder manifestado pelo corpo de um atleta em pleno momento competitivo.

Manifestando a pretensão de Lacerda (1997, p. 18), de “(...) partir de uma outra perspectiva que permita redescobrir outros rostos do Desporto ou, melhor, outros traços do mesmo rosto”, entramos num território designado Estética do Desporto.

Na experiência estética, originada pelo corpo em movimento, a superficialidade e a ligeireza da visão comum é deixada ficar para trás, dando lugar à profundidade do olhar estético que penetra as formas, as linhas, os volumes do corpo desportivo (Lacerda, 2004). É o corpo, com mais ou menos “graus de liberdade”, a fonte do processo.

De acordo com a mesma autora (2002, p. 22), “(...) a perspectiva estética cria uma forma de relacionamento com o real que não cabe no posicionamento habitual do nosso quotidiano.” Assim, este ponto de vista “tem sobretudo a ver com uma maneira [particular] de estar no mundo” (*ibid.*).

Na opinião de Gaya (2006), são imensos os discursos que se elaboram e que ganham forma sobre os corpos que se exercitam, chamando a nossa atenção para a imensidão de manifestações que ele próprio é capaz de produzir: “(...) enganam-se aqueles que só vêem nos corpos desportivos manifestações da força, da velocidade, da flexibilidade, da resistência, da agilidade, do equilíbrio (...)” (*id.*, p. 102). Para o autor, o corpo desportivo pode ser entendido do ponto de vista funcional ou relacional – o primeiro como substância e o segundo como predicado. Na primeira abordagem, são realçadas as dimensões e as formas corporais – o corpo das proporcionalidades; na segunda, são elevados os desejos, as alegrias e as emoções – o corpo expressivo, que manifesta sentidos e traduz sentimentos (*id.*).

Na visão de Elias e Dunning (1985), o Desporto autoriza, de uma forma muito particular, os sentimentos a fluírem livre e espontaneamente, destinando-se, de igual modo, a mobilizar e a estimular emoções.

Hyland (1990), por sua vez, sustenta que a maioria dos filósofos do Desporto concordam com a existência de uma poderosa componente Estética na actividade desportiva.

Witt (1989) é um outro autor que pensa que o mundo do Desporto é também um mundo de valores estéticos. Na sua perspectiva, o fascínio pelo Desporto não resulta apenas das necessidades e interesses sociais e individuais que lhe são inerentes e que emergem exclusivamente da sua faceta prática. O mundo do Desporto é também um mundo de valores estéticos, sendo que todas as actividades desportivas podem transportar uma imensa escala de sentimentos e impressões, que permitem uma profunda experiência estética (*id.*).

Lançando um olhar retrospectivo quanto à importância da Estética no Desporto, Witt (1989) recua até ao fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna e cita um verso da Ode ao Desporto de Pierre de Coubertin: “Oh Desporto tu és a beleza!” (Coubertin, cit. por Witt, 1989, p. 11). Para o autor, com esta frase, Coubertin coloca os valores estéticos do Desporto em primeiro plano.

Best (1988) é um outro autor que defende que o Desporto e os Desportos devem ser julgados pelos seus próprios padrões ou modelos, incluindo os padrões estéticos.

Por sua vez, Osterhoudt (1991) ao rever as posições de Kuntz (1985) considera que este autor caracteriza o Desporto como uma instância da *performance* artística, como uma forma de teatro, uma actividade melhor julgada por padrões estéticos e não por outros padrões.

Keenan (1973, cit. por Osterhoudt, 1991) admite que no Desporto são criadas tensões dramáticas por atletas que procuram ter um desempenho excelente e que essas tensões são, primariamente, em ambas as suas instâncias – desportiva e artística – expressões qualitativas (ou Estéticas) de um processo próprio que tem uma importância mais fundamental do que o

produto quantitativo (ou resultado). O mesmo autor sustenta que os critérios estéticos são os mais apropriados para julgar a excelência do Desporto.

2.2) Apreciação Estética do Desporto

Aspin (1974) um dos pensadores que estuda a temática da Estética do Desporto, afirma que, desde que ambos, Desporto e Estética, sejam definidos como formas intrínsecas de observar ou perceber os acontecimentos, o Desporto pode, justamente, ser qualificado como um tipo de actividade que exhibe qualidades estéticas e ascende aos padrões estéticos mais elevados.

De acordo com Bento (1997), a qualidade e a Estética das formas, a par de tantas outras dimensões, faz parte integral da ideia do Desporto. O Desporto pode assim ser entendido como um modo de expressão, participando na aventura da descoberta dos segredos do corpo, tendo como preocupações fazê-lo, criá-lo, adaptá-lo e transformá-lo (Bento, 2006).

Kupfer (1988) é um outro autor que enfatiza a dimensão estética do Desporto. Refere-se a esta actividade como um ritual estético do corpo que só acontece quando damos conta do leque incrível e da graça do movimento humano que o Desporto permite exhibir. Como ritual estético do corpo, o Desporto pode influenciar os nossos movimentos do dia-a-dia e a nossa percepção de movimento. Quer nós participemos ou não no Desporto, os nossos ritmos diários podem ser influenciados pela nossa apreciação. Contudo, a simples visualização do Desporto não é suficiente pois depende da forma como vemos e aquilo que vemos.

À semelhança de outros autores, Kupfer (1988) evidencia ainda o carácter não prático e não utilitário da atitude estética, que “isola” o objecto ou actividade, focalizando-se apenas neles, sem atender às suas origens, consequências ou inter-relações com outros objectos ou actividades. Pretende alertar também para a necessidade em distinguir diferentes expectativas e orientações afirmando que não é apropriado esperar a mesma riqueza Estética de diferentes formas ou estilos artísticos.

Wertz (1988) acrescenta que é necessário encontrar nas acções características de determinadas actividades, marcas, sinais identificadores, e não ficarmos apenas pelo contexto. A essência dos movimentos é definida pelo contexto normal das suas ocorrências. Argumenta ainda que determinar o tipo

de acção é necessário mais do que a localização ou a envolvência. Sugere então que a intenção é o factor determinante, a intenção é o que devemos buscar para determinarmos o género de uma acção. Para tomar decisões classificatórias, são ambos necessários: intenção e contexto – o autor das acções é tão importante como o seu contexto (Wertz, 1988). Intenção e contexto são, por sua vez, traços das acções necessários para que lhes seja atribuído significado. O autor contribui para as regras e valores instituídos que compõem um determinado contexto para a acção. (ibid.).

Contrariamente a Wertz (1988), Galvin (1985) desvaloriza o papel da intenção na determinação do estatuto estético do Desporto. Os recursos à intencionalidade são notoriamente problemáticos e tal recurso constitui um aspecto importante da teoria de Wertz. Galvin (ibid) sustenta que apesar da prioridade dos atletas não consistir em realçar o valor estético do todo, sendo que a sua concentração se dirige para a concretização duma prestação que assegure a vitória, não obstante, continuam a existir razões suficientes para considerar o Desporto uma forma de Arte. Contudo, o tema da relação Desporto-arte, é particularmente complexo dado que parecem haver aqui duas intenções, a do executante e a dos observadores, talvez particularmente, os críticos.

O Desporto é perspectivado como uma categoria genérica da experiência humana, do qual podem emergir obras de arte.

Do mesmo modo, se o meio, a prestação são importantes, na opinião de Boxill (1988), o que se torna de facto crítico para a competição é a vitória: na grande maioria dos casos alguém tem que ganhar e alguém tem que perder, o que não implica a diminuição do valor estético do Desporto.

Roberts (1988) partilha dum entendimento muito aproximado acerca da problemática relativa à Estética do Desporto. Para ele marcar pontos/ganhar não constitui um propósito exterior ao Desporto, mas uma consequência natural do como se joga, entendendo que o elemento competitivo do Desporto aumenta, ao invés de diminuir o seu conteúdo estético.

Boxill (1988) afirma ainda que o princípio subjacente às regras é sempre o de estabelecer um desafio, desafio que obriga à evidenciação da excelência do

corpo, produzindo uma resposta e uma experiência estéticas. O desafio leva os atletas a não se satisfazerem apenas com marcar pontos, mas em marcá-los com estilo, com fluidez, com graciosidade (ibid.). Certamente, o desejo pela vitória é forte em qualquer evento competitivo, apesar de não ser o único objectivo. Alguns atletas prefeririam perder e ter uma boa performance do que ganhar e ter um comportamento deficiente. Alguns treinadores prefeririam que a sua equipa perdesse um jogo bem jogado do que ganhasse por um triz ou com um jogo péssimo. Onde um jogo bem jogado é importante a vitória fica em segundo plano mas onde ganhar a todo o custo é o lema, o jogo bem jogado é secundário. (Boxill,1988)

Boxill (1988) refere ainda que o método mais eficiente é, normalmente, aquele que apresenta a excelência física e exhibe o corpo em harmonia com o equipamento e/ou com os factores ambientais. O autor afirma que quando o corpo se move eficientemente, apresenta uma fluidez e graça que é a sua beleza.

Thomas (1972, cit. por Osterhoudt, 1991) desenvolve em bases Estéticas a noção do “momento perfeito no Desporto”. Apresenta as características mais vulgares da experiência desportiva e da experiência estética, de forma a mostrar os termos em que o próprio Desporto pode ser considerado uma experiência estética, e a mostrar igualmente os termos em que a experiência estética do Desporto é equivalente à experiência estética das modalidades artísticas comuns. Refere os seguintes traços comuns ao momento perfeito no Desporto e à experiência estética: a intenção comum de atingir um padrão de excelência definido interna ou externamente, qualitativa ou quantitativamente; o carácter de participação livre, voluntário e não coercivo em ambas; o senso comum do extraordinário posicionamento espacio-temporal (outro que não o do dia a dia); a natureza intrínseca de ambos; o seu comum abraço da afectividade, subjectividade e espontaneidade; a autenticidade das intenções do executante; o alto nível de domínio técnico; o sentido de temática, tanto física como intelectual, unidade comum aos dois; a completa imersão poética do executante; o potencial de auto-realização, comum a ambos.

Kovich, (1971, cit. por Kuntz, 1985) analisa a experiência de alegria, excitação, satisfação em realizar e em testemunhar realizações desportivas. A beleza do movimento depende, em seu entender, da resposta estética do executante e/ou do espectador. Afirma que o executante percebe os seus movimentos com Arte através da percepção quinestésica, o seu próprio sentido de sentimento pessoal.

Arnold (1985, cit. por Osterhoudt, 1991) chama a atenção para a diferença entre a perspectiva estética do atleta e a do espectador, numa tentativa de demonstrar a primazia da experiência estética do executante, que considera constituir a base da experiência estética no Desporto. Refere que é ao atleta que pertencem os padrões quinestésicos e é a ele também que cabe o papel singular de interpretação e expressão, de procura da maestria na habilidade, de busca da boa competição e do jogo bem jogado. O alcance básico da perspectiva de Arnold, acerca da primazia Estética da experiência do performer, é partilhado por Slusher (1967), Metheny (1968) e Weiss (1969) (cit. Por Osterhoudt, 1991).

Também Fisher (1972, cit. Por Osterhoudt, 1991) caracteriza o Desporto como uma situação Estética que, tal como outras situações, apresenta três aspectos principais: o atleta (ou artista), o espectador (ou audiência) e o Desporto em si (ou o produto estético). O Desporto é referido como o objecto da dedicação do espectador e do atleta, o atleta é tomado como sendo o criador deste objecto e o espectador é caracterizado como um observador objectivo desta criação. A experiência estética do Desporto é assim construída como implicando uma relação eu-tu, entre si próprio e o meio do Desporto, sem fingimento de saber ou possuir, uma orientação propositada, mas não utilitária, uma sensibilidade universal que vai para além das restrições espacio-temporais, uma expressão de pura possibilidade, ou espontaneidade, e a constituição de harmonia e totalidade (Osterhoudt, 1991). Fisher conclui, face a isto, que o Desporto constitui uma fonte extraordinariamente rica de beleza e experiência estética.

A Estética pode ser associada, por um lado, à sensação, à sensorialidade e, por outro, à sensibilidade (Lacerda, 2002). Hanslick (s/d, cit. por Lacerda

2002) considera muito importante esta distinção entre sentimentos e sensação: “(...) a sensação é o começo e a condição do deleite estético e constitui justamente a base do sentimento, que pressupõe sempre uma relação e, muitas vezes, as mais complicadas relações.” (p. 19).

Também Calle (1985, cit. por Alonso-Geta, 1991) afirma que na Estética confluem uma série de questões da sensibilidade e do sentimento “estético”. Sustenta que a Estética, como actividade, se insere em três planos diferentes:

- Um plano antropológico: a vivência estética.
- Um plano cultural: âmbito do artístico (arte).
- Um plano ontológico: a beleza em todo o seu alcance.

Na opinião de Lacerda (2002) a experiência estética caracteriza-se, genericamente, pela sua dimensão não utilitária e, simultaneamente, pela fruição, pelo prazer, resultantes da inter-acção do sujeito com o objecto ou actividade.

Para Parry (1989) “A Estética é uma forma de perceber um objecto ou uma actividade. Um tipo de interesse que revelamos nele, um tipo de atitude que tomamos em relação a ele. A Estética não se refere ao objecto mas à atitude que tomamos em relação aos objectos.” (p.16). As nossas apreciações estéticas podem levar-nos a julgamentos que classificam um objecto como bonito ou feio; gracioso ou desastrado; unitário ou fragmentário; profundo ou superficial.

O mesmo autor entende que a atitude estética requer que o sujeito tome em consideração certas características intrínsecas do objecto por si mesmas, e não por qualquer finalidade prática que possam servir. Realça que o interesse estético é não propulsivo, ou não funcional, e que possuímos a liberdade de tomar uma atitude estética em relação a um qualquer objecto. A atitude estética é uma forma de perceber um objecto que é neutral, sem proposições e pode ser tomada em relação a qualquer objecto.

A Estética preocupa-se (entre outras coisas) com a conceptualização do Belo, não se esgotando na atracção estética.

Witt (1989) menciona um outro aspecto comum a todos os Desportos, que respeita à possibilidade de constituírem fonte de prazer estético – em todos os

tipos de Desporto e todas as situações desportivas podem constituir-se fonte de um prazer estético. Todo o acto motor no Desporto, em todos os tipos de desportos, pode criar uma situação estética.

Huizinga (1972) afirma que a peculiaridade do jogo está profundamente enraizada no estético e faz notar que as palavras que usamos para exprimir os elementos do jogo pertencem na sua maior parte, ao vocabulário da Estética; são termos através dos quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, contraste, variação, solução; o jogo é “encantador”, é “cativante”; está investido de qualidades muito nobres como ritmo e harmonia (*ibid*).

Takács (1989) expõe que, as actividades desportivas contêm experiência estética, embora nem sempre os atletas e espectadores a experienciem, em parte porque nunca foram ensinados a fazê-lo e, em parte também, porque o resultado é mais importante no Desporto do que o evento em si. Contudo para este autor, não há margem de dúvidas relativamente à existência de desportos possuidores de evidentes sinais formais de beleza, baseadas em valores externos, por exemplo, um desporto pode ser bonito porque é espectacular, dinâmico, colorido; os fatos bonitos podem ser vistos; existem movimentos harmoniosos; porque é excitante, leve, intelectual, gracioso, etc. Estes sinais podem variar de várias maneiras de acordo com o gosto pessoal e a educação harmonia corporal e nas cores, beleza facial, sorriso, música, cenário, roupas, efeitos de luzes.

Takács (1989) evidencia ainda outros traços característicos relativamente a estes desportos: o corpo humano desempenha um papel mais importante, existência de um julgamento subjectivo, utilização de música, intimamente relacionados com certas actividades artísticas (coreografia, composição, *performance*), papel importante desempenhado pela criatividade, carácter (tanto do treinador como do atleta), é dada à audiência a possibilidade de julgar por si própria, expressando a sua aprovação através do aplauso.

Segundo o mesmo autor podemos ver que a beleza dos movimentos no Desporto é um importante e complexo problema estético e que não pode ser simplesmente descrito por expressões como “vários movimentos”, “roupagem

colorida”, “movimento harmonioso”, “boas tácticas”, ou “corpos bem delineados”. Compreendemos perfeitamente que a concepção de beleza centrada na liberdade é difícil de aceitar no pensamento do dia a dia.

Também Masterson (1983) é um defensor de que no Desporto se podem produzir obras de Arte: “(...) a acção superlativa de um indivíduo, ou de um grupo de jogadores, resolvendo os problemas impostos pelo Desporto, em acordo com as regras e com a ética, estimulados pelo drama, tensão, incerteza e humor da ocasião, pode dar lugar a exibições da habilidade humana ligada à coragem, força de vontade, determinação e esforço, que podem manifestar Beleza e o sublime, criando assim Arte no Desporto.” (Masterson e Gaskin, 1974, cit por Masterson, 1983, p.180).

Para Lacerda (2004) “(...) a plástica do corpo humano nos diferentes movimentos inerentes às várias actividades desportivas” (p.225) é um dos factores considerados como influenciadores da apreciação estética do Desporto. Por meio da acção desportiva, o corpo configura-se, ele é representação, é expressão, não só para quem observa, mas também para quem realiza (ibid) –tal como exalta Vilas Boas (2006), na actividade desportiva, o corpo é essencial como agente e elemento expressivo, ou, como profere Garcia (1999), o corpo evoca e reúne em si mesmo uma pluralidade de sentidos, os quais não se limitam somente a uma significação, nem tão pouco a algumas.

Segundo um estudo realizado por Lacerda (2002) *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*, foram referidos os seguintes factores que influenciam a apreciação Estética do Desporto:

- Presença de música e de elementos do repertório da dança em diferentes actividades desportivas;
- Características do espaço físico onde se desenvolvem as várias actividades;
- Tipo de vestuário e acessórios utilizados;
- Diversidade de materiais característicos dos diferentes Desportos;
- Plástica do corpo humano na multiplicidade de movimentos inerentes às várias actividades desportivas;

- Morfótipo dos desportistas;
- Existência de relações de cooperação e oposição entre os atletas;
- Nível do domínio técnico exibido na prática desportiva.

Contudo foram referidos igualmente no mesmo estudo, alguns factores não influenciadores dessa apreciação:

- As dimensões vitória e derrota inerentes à competição desportiva;
- A natureza quantitativa do resultado desportivo.

Lacerda (2002) procurou caracterizar a natureza da experiência estética induzida pelo Desporto, evidenciando que o conhecimento das diferentes dimensões que a resposta estética ao Desporto integra, pode favorecer o entendimento e incrementar a qualidade dessa resposta. Foram identificadas quatro dimensões: perceptiva, emocional, intelectual e comunicativa

A dimensão perceptiva ou formal refere-se, fundamentalmente, ao domínio da sensorialidade. Isto é, à importância da visão e audição para a compreensão e apreciação dos eventos desportivos no seu todo.

O Desporto gera vários sentimentos, muitos deles antagónicos. É a esta resposta, ao nível da emoção, que alude a dimensão emocional. Ao contrário da dimensão perceptiva, esta dimensão insere-se na esfera da sensibilidade, mas não deve ser vista como estanque do domínio da sensorialidade.

A dimensão intelectual, cultura desportiva, enquadra o contributo da arte e da ciência para a compreensão e apreciação da actividade desportiva. Isto é, os conhecimentos desportivos do observador vão influenciar a forma como o sujeito experiencia esteticamente o Desporto. De um modo geral, o facto de gostarmos de um desporto leva-nos a querer aprender mais sobre esse desporto e, conseqüentemente, a apreciarmos melhor o acontecimento desportivo, constituindo um factor facilitador da experiência estética.

Por fim, a dimensão comunicativa refere-se à interacção do observador com a actividade desportiva observada, cuja relação é influenciada quer pelas características do sujeito quer pelas do desporto em causa. São essas particularidades que respondem pela especificidade da comunicação que se gera e que integra as dimensões perceptiva, emocional e intelectual.

Fácil é de perceber então que a maioria dos autores defende que o Desporto encerra valor estético e são diversificados os factores que influenciam essa apreciação.

Em suma, o mundo do Desporto é um mundo de valores estéticos, todas as actividades e situações desportivas poderão provocar uma enorme quantidade de estados de espírito, sentimentos e impressões que permitem uma profunda experiência estética. Para muitos, atletas e espectadores, esta experiência é o aspecto mais fascinante do Desporto.

2.3) Categorias Estéticas

A existência de qualidades estéticas extraordinárias na realidade do Desporto é, na generalidade e quase unanimemente, aceite e até esperada. (Witt, 1989). Como tais qualidades estéticas consistem num complexo de qualidades especiais que estão presentes em diferentes fenómenos e situações no Desporto, às vezes nem serão reconhecidas, serão percebidas ou avaliadas apenas por acaso, e – porque este processo de percepção estética é muito subjectivo – há certas dificuldades em determinar as qualidades estéticas específicas do Desporto.

De acordo com Thieb e Schnabel (1986, cit. por Marques e Botelho Gomes 1990, p. 222), a Estética do Desporto procura investigar “(...) as qualidades estéticas específicas das manifestações da cultura física e do Desporto; as suas funções estéticas na sociedade; as qualidades estéticas do corpo humano e dos seus movimentos nos diferentes modos e formas das acções desportivas; as qualidades estéticas do treino e das competições desportivas; as emoções estéticas das acções desportivas na sua dimensão espectáculo; os reflexos das qualidades estéticas do Desporto nas obras de Arte e no pensamento estético; os efeitos da cultura física e do Desporto na consciência Estética da sociedade.”

Masterson (1983) sustenta que o Desporto possui características que podem ser consideradas esteticamente, ressalvando contudo que possuir uma dimensão estética não identifica necessariamente uma actividade, ou o seu produto, como Arte.

Também Best (1988) pretende chamar a atenção para a importância do recurso a categorias estéticas ao considerar o Desporto na perspectiva Estética.

Segundo Witt (1989) os aspectos gerais essenciais da existência de qualidades estéticas que têm sido examinados, mostram acima de tudo, a diversidade de níveis e relações. Os valores estéticos expressam a nossa concepção ideal de certas qualidades perceptíveis de um fenómeno no Desporto e o nosso especial interesse em tais qualidades no seu significado para atingir certos objectivos. (ibid).

O mesmo autor opina que ignorando a diferenciação em relação aos tipos de Desporto e aceitando os princípios de orientação generalizados, podemos encontrar certos traços de qualidades estéticas comuns na realidade do Desporto. O ponto central de referência de todas as considerações em relação às qualidades estéticas do Desporto é o corpo humano e os seus movimentos sob a influência do Desporto. O corpo humano é transformado na sua qualidade pela contínua e sistemática prática de actividades desportivas. Por esta característica comum, todos os tipos de desporto podem ser identificados, em todos os tipos de desporto o corpo humano pode desenvolver-se através de exercícios desportivos como um potencial detentor de qualidades estéticas.

Witt (1989) considera assim que as qualidades estéticas comuns do Desporto estão primordialmente ligadas ao corpo humano treinado do ponto de vista físico e aos actos motores desportivos como fontes de prazer estético.

Já na opinião de Lacerda (2007), a Estética dos jogos desportivos manifesta-se na inter-acção entre colaboradores e opositores, na constante adaptação, readaptação e combinação de movimentações, na luta para vencer as dificuldades colocadas pelo adversário, nas estratégias de parceria e cumplicidade com os companheiros, na experiência de superação das limitações próprias e das adversidades do jogo. Neste domínio, as categorias estéticas criatividade e estilo, contribuem para um melhor entendimento do valor estético das modalidades colectivas.

Takács (1989) afirma que quando se relacionam as expressões Desporto e Estética, imediatamente se pensa em Desportos “bonitos”. Para o autor a Estética do Desporto é facilmente associada a movimentos elegantes, ambientes agradáveis, desportistas bem vestidos, multidões de apoiantes vestidos de formas coloridas e outras situações similares. Takács (1989) sustenta, contudo, que é necessário reflectir e analisar profundamente a Estética do Desporto, isto é, as qualidades estéticas associadas ao Desporto, o que implica uma análise centrada nas categorias estéticas, concentrando-nos acima de tudo na beleza. Segundo este autor, a qualidade estética é um conceito geral para as variadas formas actuais de Estética. Esclarece que as partes de todas as qualidades estéticas são conhecidas como categorias

estéticas (bonito, feio, trágico, etc.) mas opina que, de facto, há muito mais qualidades estéticas do que aquelas que já são conhecidas.

De acordo com Tackács (1989), é extremamente difícil adequar as qualidades estéticas dos movimentos humanos, corpo e actividades desportivas, dentro do sistema estético “literário”. Significaria parcialmente uma re-interpretação de certas categorias e por outro lado a criação de novas (específicas). Na sua opinião, a beleza é a qualidade estética mais difícil, contudo é aquela sobre a qual mais se opina e discute. A beleza é definida em cada sistema estético mas estas definições numerosas mais ou menos importantes estão cheias de contradições. Segundo ele, o fundamental é que se defina a beleza por referência ao seu conteúdo total que é a “liberdade humana”. Num conceito científico, a beleza não pode ser outra coisa senão uma forma especialmente definida de liberdade humana. É o mesmo com o Desporto. E Liberdade em tal interpretação pode ser usada para detalhar a essência da Estética e das categorias estéticas. (Tackács, 1989).

De acordo com este entendimento, é possível então dizer que o objectivo fundamental de todas as actividades estéticas é incrementar a liberdade do homem (Takács, 1989). O belo e o feio, de acordo com esta concepção, correspondem à liberdade, ou falta dela, expressas de forma sensível nos aspectos visuais e auditivos dos objectos naturais, sociais e artísticos (ibid.). Para Takács a beleza contém sempre um ideal de liberdade, expressa-a, evoca-a ou simboliza-a.

Takács (1989) analisa também a dimensão *resultado* e considera-a influenciadora da beleza dos movimentos desportivos. Contudo, se o resultado é muito importante, ele não vive de forma isolada como Takács ilustra: é “bonito” quando um atleta marca um *penalty* mas, é muito mais bonito quando o faz num momento crucial do jogo. Isto leva o autor a afirmar que a dificuldade do movimento e o sucesso esperado incrementam o esforço; é-lhes necessária maior liberdade humana, logo, traduzem mais beleza (Takács, 1989).

Vários autores como Kaelin (1968), Keenan (1973), Kupfer (1975), Roberts (1975), White (1975) e Boxill (1984) (cit. por Osterhoudt, 1991, p. 133) admitem que a competição desportiva aumenta, mais do que diminui, as

qualidades estéticas do Desporto. Lowe (1977, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 131), ao reflectir sobre a presença de valor estético no Desporto, estabelece um conjunto de categorias centradas no corpo e na sua expressão: controlo, esforço, graciosidade, harmonia, poder, precisão, proporção, ritmo, risco, velocidade, estratégia, força, simetria e unidade.

Aspin (1983) valoriza a presença da criatividade e da imaginação no Desporto, afirmando que são qualidades premiadas e apreciadas na nossa participação como praticantes e como espectadores, opinando que, provavelmente, são mais desejadas e exibidas em actividades como a ginástica e a dança.

Com base num artigo dedicado à ginástica inserido na *Sports Rules Encyclopedia* (1966, cit. por Kuntz, 1985), Kuntz faz um levantamento das categorias mencionadas como indicadoras de uma *performance* estética. São referidas a agilidade, o equilíbrio, a força, a elasticidade, o ritmo, a harmonia, a proporcionalidade, a elegância, a facilidade, a precisão, o estilo, que devem coexistir com ausência de falhas na execução.

Hyland (1990) defende que a improvisação desempenha um papel maior ou menor em todos os desportos como em todas as formas de arte.

Também Schwartz (1999, cit. por Lacerda, 2002) considera que os actos improvisados constituem a fonte primária de valor estético. Este autor compara os basquetebolistas capazes deste tipo de prestações aos músicos de *jazz* virtuosos e considera que os actos improvisados são geralmente graciosos e estéticos.

Esta ênfase colocada na improvisação é importante na medida em que se traduz em mais um passo para a delineação de um grupo de categorias estéticas partilhadas pelo Desporto.

No entanto, segundo Schwartz (1999, cit. por Lacerda, 2002), essa categoria difere de desporto para desporto, ou seja, enquanto por exemplo no basquetebol, os actos improvisados são a fonte primária de valor estético, entende que em desportos como a ginástica ou a patinagem artística a improvisação não representa a fonte causal desse valor. Para o autor, neste

tipo de desportos os exercícios são estabelecidos com antecedência e aperfeiçoados por meio de repetição e disciplina.

Elliot (1974, cit. por Kirk, 1984) sublinha que se pretendermos afirmar que o Desporto possui “propriedades estéticas”, então há que enfatizar qualidades como velocidade, graça, fluidez, ritmo, energia, cujas combinações se constituem na beleza.

Há diferenças estruturais inerentes entre os vários desportos – um *sprint* realiza-se em segundos, enquanto a maratona demora horas; um jogo de hóquei decorre num movimento virtualmente contínuo, enquanto no futebol há pausas depois de cada jogada; o basquetebol desenvolve-se essencialmente no ar, enquanto o futebol é um jogo terreno (Kupfer, 1988). Assim, Kupfer realça que a apreciação estética de um Desporto em particular tem que ser adequada às possibilidades estéticas desse Desporto. O mesmo autor refere que a actividade desportiva não é externamente definida pelo marcar pontos/ganhar, mas internamente definida pelo que é necessário para marcar pontos, pela maneira de jogar cujo desfecho é o marcar pontos. Vai mais além referindo que marcar pontos/ganhar é um símbolo de excelência, uma conclusão de jogar no Desporto. Salaria que os argumentos relativos à competitividade, ao contrário de diminuir, aumentam as qualidades estéticas do Desporto.

Segundo Boxill (1988) o elemento vitória, característica marcante da instituição desportiva, é muitas vezes apontado como um óbice à Estética do Desporto. Contudo este autor não partilha desta opinião.

Já na opinião de Lacerda (2002), às categorias competição e vitória a que Boxill se refere como contribuindo para a elevação do carácter estético do Desporto, associam-se também as categorias transcendência e superação, que convergem de igual modo para a exaltação do potencial estético da actividade desportiva.

De acordo com Kupfer (1988), os desportos classificam-se em quantitativos ou lineares, qualitativos ou formais ou estilísticos e desportos competitivos. Para os primeiros há uma apropriação da relação entre o movimento humano e o resultado numérico, sendo que aquilo que procuramos

é a suavidade, a fluidez de movimentos que sugira que estes se desenvolvam sem esforço, que não há energia desperdiçada nem movimentos supérfluos, ou seja, o resultado confirma aquilo que os nossos olhos intuitivamente registam. Constituem-nos o atletismo e a natação por exemplo. Nos segundos, que incluem por exemplo a patinagem artística a ginástica ou os saltos para a água, a excelência é atingida quando o corpo se move da forma mais perfeita, sendo este o principal critério para a apreciação estética. O nível de dificuldade dos elementos realizados pode, segundo o autor, incrementar as qualidades estéticas dos movimentos, embora não seja a dificuldade em si que é valorizada do ponto de vista estético mas, por seu intermédio, é possível apreciar uma *performance* em que realçam a agilidade, a amplitude, a graça e a força do corpo humano. Este tipo de desportos requerem na avaliação das *performances* dos atletas, um julgamento estético – a avaliação está totalmente condicionada à aparência, ao aspecto, à forma do movimento corporal.

Por último nos desportos competitivos, tais como o basquetebol, o futebol e o voleibol, na opinião de Kupfer, a confrontação e a cooperação multiplicam as possibilidades estéticas destes desportos. Na sua opinião estes desportos transformam os traços centrais dos desportos lineares e dos desportos formais incorporando-os numa estrutura de jogo.

Ao considerar os desportos do ponto de vista estético, Parry (1989) reconhece as mesmas categorias que Best (1988), distinguindo-os em desportos propositivos e desportos Estéticos. Entende que a influência da estética nas actividades e nos objectivos destes dois grupos de desportos é diferente: as finalidades dos desportos propositivos são independentes do modo de realização, isto é, a forma de realização não condiciona a prestação desportiva. A forma “como se faz” é irrelevante (dentro do quadro regulamentar) desde que o propósito fundamental seja atingido (Parry, 1989). Pelo contrário, já nos desportos estéticos verifica-se uma relação profunda e dependente entre a função e a forma, isto é, entre os objectivos e o meio de os atingir, sendo o motivo estético fundamental à actividade.

Elliot (1974, cit. por Kirk, 1984) por sua vez evidencia a dificuldade em atribuir as “tradicionais qualidades estéticas” de beleza e de sublime a diversas

actividades físicas. Da mesma opinião partilha Witt (1989) quando afirma que o mundo do Desporto é um mundo de valores estéticos (entre outros) mas, devido à subjectividade do processo de percepção Estética, existem ainda dificuldades na determinação das suas qualidades estéticas, ou seja, de qualidades estéticas específicas do Desporto.

No entender de Lacerda (1997) “ao termo Estética é tradicionalmente associado, em primeiro lugar, o conceito de beleza, e depois conceitos de harmonia, de plasticidade, de amplitude, de expressividade, de emocionalidade.”

Cordner (1995), por sua vez, discute de forma aprofundada a categoria Estética graça, e afirma que o que sustenta a graça de um movimento é a sua funcionalidade. O mesmo autor vai mais além afirmando que os conceitos de harmonia (ou acordo entre todos os elementos) e de facilidade (ou ausência aparente de esforço) confluem, igualmente, para a graça de um movimento desportivo.

Para Bento (1995) o Desporto actual compatibiliza-se talvez melhor com inovação, criatividade, imaginação, emoção, prazer, singularidade, o que nos remete para o reconhecimento de categorias estéticas.

Cunha e Silva (1999, p.60) é um outro autor que opina sobre esta temática. No seu entender, todos os Desportos são, potencialmente, portadores de qualidades estéticas, sendo que o corpo desportivo (o corpo do atleta) “(...) emerge como um objecto necessariamente belo”. O autor considera que o movimento corporal do desportista empresta ao Desporto essa mais-valia estética. A eficácia do gesto é igualmente focada por este autor, que afirma que o atleta que persegue uma estratégia de rendimento persegue igualmente o gesto belo, na medida em que toma consciência de que o gesto eficaz é belo.

Deste modo, a eficiência aparece também como uma categoria estética muito importante, em relação directa com outras como superação, emoção, harmonia, contribuindo para a elevação do carácter estético do Desporto (Lacerda, 2002, p.174).

Também Costa (1996) opina sobre esta temática, afirmando que para além de belo, o Desporto é profundamente trágico. O autor distingue as seguintes categorias:

- Categoria do belo: o Desporto tem uma beleza própria de que se aproveitam a literatura e a arte. Trata-se dum belo intrínseco e não superficial, dum belo sinónimo de bom e que se apresenta como característica global de toda a criação.

- Categoria do dramático: o dramático do Desporto tanto se situa ao nível do espectador, como do próprio desportista. Aqui se coloca todo o problema da violência no Desporto e aqui funciona todo o simbolismo do Desporto enquanto representação duma sociedade onde o conflito, as lutas e as oposições são elementos estruturais e enquanto imagem da existência humana, onde o combate é um dado essencial.

- Categoria do movimento: o movimento é um dos aspectos essenciais do Desporto e é uma das fontes da estética desportiva. O movimento desportivo apresenta-se também como uma manifestação de todo o dinamismo da pessoa humana.

- Categoria do sublime: o belo do Desporto não é da ordem do banal, mas é um belo que nos lança para o sublime. As *performances* de certos atletas e determinadas emoções desportivas transportam-nos para um mundo maravilhoso que nada tem a ver com a banalidade do quotidiano e com a monotonia do habitual.

No quadro nº 1 representa-se a síntese da pluralidade de categorias estéticas referenciadas pelos diferentes autores, elaborada por Lacerda (2002, p. 198)

Quadro nº 1 – Categorias estéticas evidenciadas pela literatura (Lacerda, 2002, p. 198)

Autores	Categorias Estéticas
Kaelin (1968, cit. Osterhoudt, 1991)	Vitória, derrota, competitividade.
Fisher (1972, cit. Osterhoudt, 1991)	Sensibilidade, expressividade, espontaneidade, harmonia, totalidade.
Keenan (1973, cit. Osterhoudt, 1991)	Competitividade, drama
Elliot (1974, cit. Kirk, 1984; cit. Osterhoudt, 1991)	Habilidade, agilidade, resistência, fluidez, graça, ritmo, velocidade, força, vitalidade, drama
Gaskin e Masterson (1974, cit. Osterhoudt, 1991)	Cor, composição, harmonia, ritmo, auto-realização
White (1975, cit. Osterhoudt, 1991)	Competitividade
Wulk (1977, 1979, cit. Osterhoudt, 1991)	Unidade, habilidade, expressividade, harmonia, totalidade, drama, poder, tensão, ritmo, virtuosismo, originalidade, emocionalidade
Lowe (1977, cit. Osterhoudt, 1991)	Controlo, esforço, fluidez, graça, harmonia, alegria, equilíbrio, poder, precisão, proporção, ritmo, risco, velocidade, estratégia, força, simetria, unidade
Aspin (1983)	Criatividade, imaginação
Masterson (1983)	Energia, força, elegância, estilo, graça, poder, economia, ritmo, cor, composição
Kunz (1985)	Prazer, emocionalidade, drama, limite
Wertz (1985, 1988)	Fluidez, graciosidade, unidade, habilidade, elegância, estilo, precisão, criatividade
Roberts (1986, cit. Osterhoudt, 1991)	Fluidez, graça, velocidade, emocionalidade, poder, coragem, punição, drama, competitividade
Best (1988)	Graciosidade, economia, eficiência, estilo
Boxill (1988)	Flexibilidade, coordenação, força, agilidade, eficiência, habilidade, competitividade, estratégia, fluidez, graciosidade, estilo, harmonia
Kupfer (1988)	Competitividade, vitória, derrota, graça, fluidez, controlo
Sumanik/Shanon e Stoll (1989)	Expressividade, facilidade, excelência, harmonia
Takács (1989)	Liberdade, resultado, economia, técnica, tática
Vanden Eynde (1989)	Vitória, estilo
Hyland (1990)	Graciosidade, criatividade, elegância, improvisação,
Huizinga (1995)	Tensão, equilíbrio, contraste, variação, ritmo, harmonia, coragem, tenacidade
Marques (1993)	Emocionalidade
Cordner (1995)	Fluência, graça, harmonia, facilidade
Hemphill (1995)	Excelência
Luvisolo (1997)	Expressividade, prazer, emoção, gosto/afinidade
Moderno (1998)	Estilo, emoção, criatividade, genialidade, competitividade, improvisação
Davis (1999)	Graça, elegância
Martins (1999)	Criatividade, expressividade, estilo, forma, interpretação, intencionalidade
Schwartz (1999)	Improvisação, graça

2.4) Apreciação Estética e Gosto/Afinidade por um Desporto

Segundo Horta (s/d), cada detalhe das nossas vidas está afectado pela perspectiva que ocupamos. Perspectiva espacial, temporal, afectiva. Vital enfim. Herdamos uma interpretação das coisas que nos cercam; interpretação não apenas teórica, mas também prática. Essa experiência herdada junta-se aquela que adquirimos pessoalmente ao viver e permite-nos lidar com as coisas ao redor, com aquilo que nos cerca.

“Eu sou eu e a minha circunstância” é a conhecida sentença de Ortega y Gasset. Ela mostra claramente que nem eu, nem aquilo que me cerca – a circunstância – é tudo. “O fundamental é o *eu me encontrando com essa circunstância*, isto é, a minha vida. A vida de cada um, realidade radical onde se radicam todas as outras realidades. É em minha vida que deparo com as coisas e comigo mesmo. Viver é estar vivendo, é drama, onde encontro a mim e às coisas” (Horta, s/d).

O mesmo autor vai mais além dizendo, “(...) não nos basta, porém, a experiência das coisas. Essas são realidades radicadas na minha vida. Faz falta uma outra forma de experiência: a experiência de vida. Faz parte da realidade de cada vida ter uma visão do que é a própria vida. Sem essa visão – mais ou menos consciente – não seria possível viver.”

Atendendo às palavras proferidas por Ortega y Gasset, estaríamos possibilitados a afirmar também que a perspectiva do Desporto, a forma como o entendemos, como o analisamos, é muito condicionada pela nossa experiência de vida e, neste caso, pela nossa vivência num determinado Desporto.

Ao interpretarmos o Desporto sob o ponto de vista estético, somos levados ao encontro duma nova dimensão do quantificar, “(...) uma dimensão estranha, porque ultrapassa o domínio da sensorialidade, ancorando-se nas águas profundas da sensibilidade, o que lhe confere um carácter afectivo. A dimensão Estética refere-se tanto ao objecto como ao sujeito que é afectado por esse objecto, e por isso o tipo de informação que proporciona distingue-se da que é procurada pela investigação científica, onde a neutralidade do sujeito

constitui uma das condições de ratificação da validade do conhecimento” (Lacerda, 2000).

A adopção de uma atitude Estética em relação a um qualquer objecto ou actividade traduz-se num modo peculiar de consciência, numa maneira particular de perceber esse objecto ou actividade (Arnold, 1997), concedendo-lhes uma atenção desinteressada, compreensiva e contemplativa (Stolnitz, 1960, cit. por Arnold, 1997).

Redfern (1986, cit. por Arnol, 1997) salienta ainda que “A educação estética consiste fundamentalmente no cultivo da capacidade de um individuo para observar coisas, incluindo aquelas que ele próprio possa ter feito ou estar a fazer, com um tipo particular de atenção imaginativa e para se tornar cada vez mais discriminante e criticamente reflexivo nas suas reacções.” (p. 96).

Kirk (1984) afirma contudo que a experiência estética é condicionada pelo conhecimento prévio do objecto ou da actividade em causa.

Há autores que fazem uma diferenciação comum e simplista entre *desportos bonitos e desportos feios*, nomeadamente Witt (1989). Este tipo de classificação prende-se, para o autor, com o gosto, a afinidade ou, pelo contrário, com a rejeição que se pode sentir por um desporto, o que resulta principalmente de experiências muito subjectivas que se tem com esse desporto em particular, de ligações pessoais com ele ou de determinados sentimentos em relação a essa actividade desportiva. As pessoas possuem geralmente preconceitos positivos ou negativos (ibid).

Andrieu (1980) é um outro autor que foca um pouco esta temática, pois para si, o efeito estético consiste no resultado do envolvimento afectivo de cada um na acção. Se, por um lado, é influenciado pela cultura, por outro lado, terá que se defender dela, tornando-se o reflexo da personalidade, a expressão da emotividade que decorre duma acção perfeita, que tanto pode ser vivida como contemplada (Andrieu, 1980, cit. por Lacerda, 2002, p.144).

Segundo Lacerda (2002), uma relação mais próxima ou mais afastada, tanto em termos de prática, como de observação de acontecimentos desportivos, poderá condicionar o olhar estético sobre o Desporto.

No seu estudo, *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto* (2002), a autora afirma que os dados sugerem associações entre a “atribuição de valor estético” e o “gosto ou afinidade por uma modalidade desportiva”.

É então possível antever uma associação provável entre estas duas variáveis, na medida em que aquilo que vemos, a forma como vemos e analisamos está bastante condicionada pelo nosso conhecimento e pela experiência que possuímos em relação a uma dada matéria ou assunto.

***Procedimientos
Metodológicos***

3. Procedimentos Metodológicos

3.1) Caracterização do grupo de estudo

Uma das primeiras operações a realizar para alcançar os objectivos propostos foi seleccionar o grupo de estudo. Por conseguinte, a nossa opção recaiu sobre atletas veteranos de referência que já tivessem participado em competições a nível nacional e que ainda possuíssem ligação com o Desporto.

Foi nossa intenção reunir atletas praticantes de diferentes modalidades, de modo a conhecer o modo como perspectivam a Estética do Desporto nas modalidades em geral e na sua em particular, de ambos os géneros, masculino e feminino.

Pensamos que fazer este tipo de estudo com atletas veteranos seria uma mais valia, pois por um lado não há muitos estudos sobre a Estética do Desporto com praticantes e, por outro lado, veteranos são atletas com uma experiência desportiva muito alargada que estarão, eventualmente, mais sensibilizados para *outras* questões e possuem um conhecimento mais aprofundado do Desporto.

As entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos inquiridos, nomeadamente escolas, faculdade e clubes.

A amostra foi constituída por 11 atletas, 3 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 44 e 64 anos, sendo a média de idades de 56 anos.

Relativamente à profissão que exercem, a maioria exerce a profissão docente, quer em escolas quer em faculdades.

Na figura 1 apresentam-se, de forma detalhada, as profissões exercidas pelos entrevistados. De referir que existem entrevistados que acumulam duas profissões, nomeadamente Professor / Treinador e Professor / Médico.

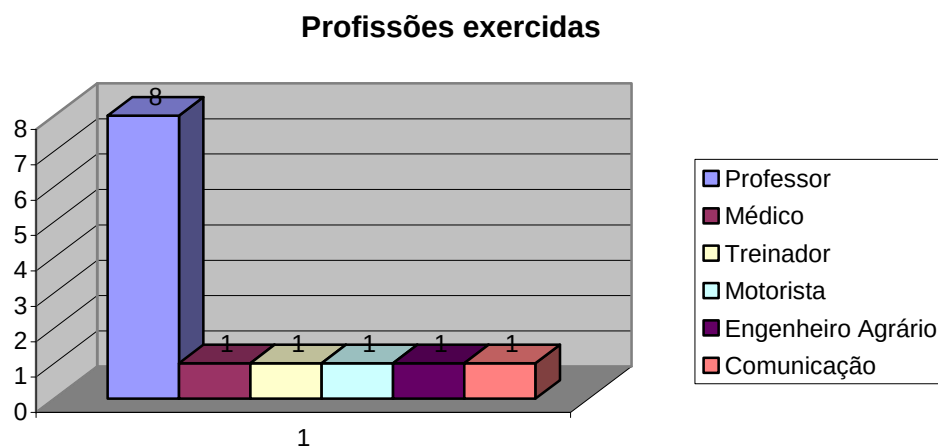


Figura 1. Profissões exercidas pelos inquiridos.

Quanto à formação académica dos entrevistados, 3 são doutorados, 1 mestres/doutoranda, 4 licenciados, 2 bacharelados e 1 com ensino básico, conforme é evidenciado no gráfico seguinte:

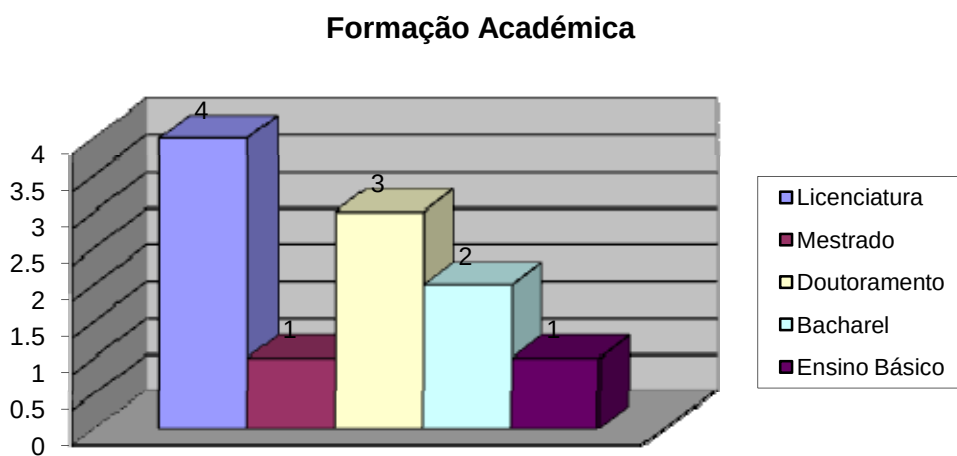


Figura 2. Formação académica dos inquiridos.

Relativamente à idade com que iniciaram a prática desportiva, podemos verificar que varia entre os 6 e os 17 anos.

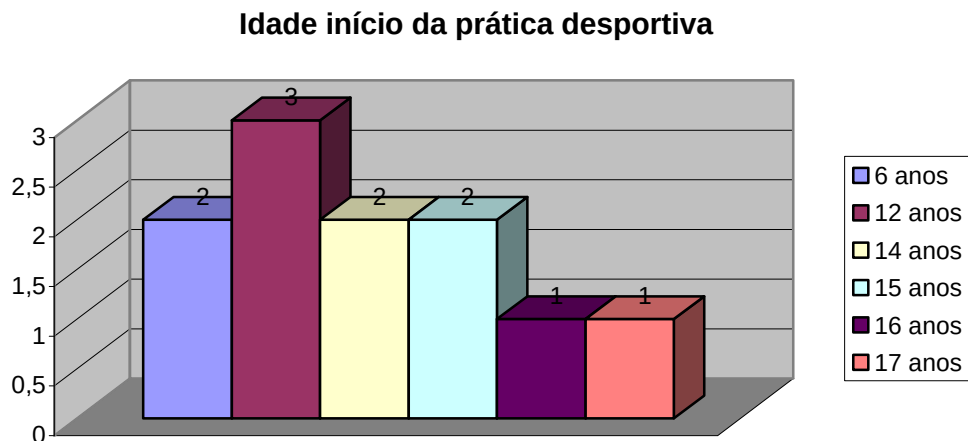


Figura 3. Idade com que os inquiridos iniciaram a prática desportiva.

No que diz respeito às modalidades praticadas, são bastante diferenciadas nomeadamente, voleibol, natação, futebol, andebol, basquetebol, ginástica artística desportiva, remo, canoagem e atletismo. No entanto, a maioria dos entrevistados já praticou mais do que uma modalidade, sendo que apenas dois entrevistados somente praticaram uma modalidade.

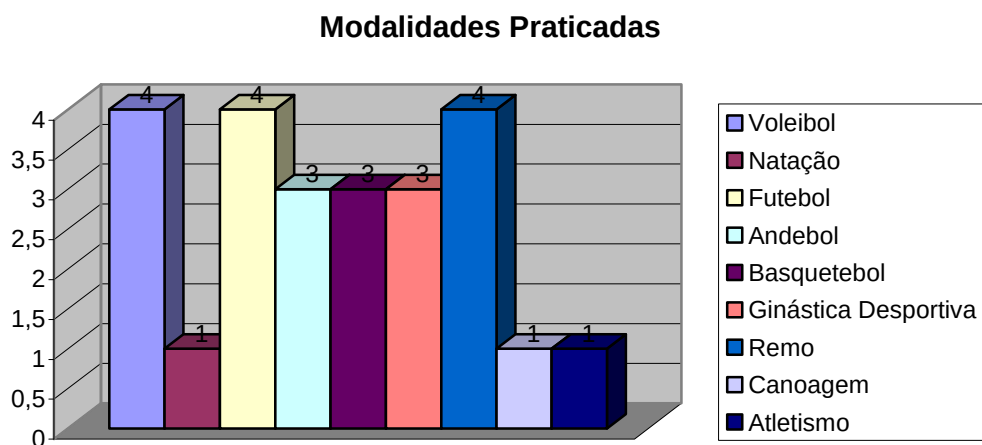


Figura 4. Modalidades praticadas pelos inquiridos.

Relativamente aos anos de prática, 5 entrevistados afirmam nunca ter praticado Desporto não federado. De entre os restantes, três afirmam ter praticado 3, 4 e 5 anos respectivamente, dois praticaram 6 anos e um afirma praticar Desporto não federado há 40 anos.

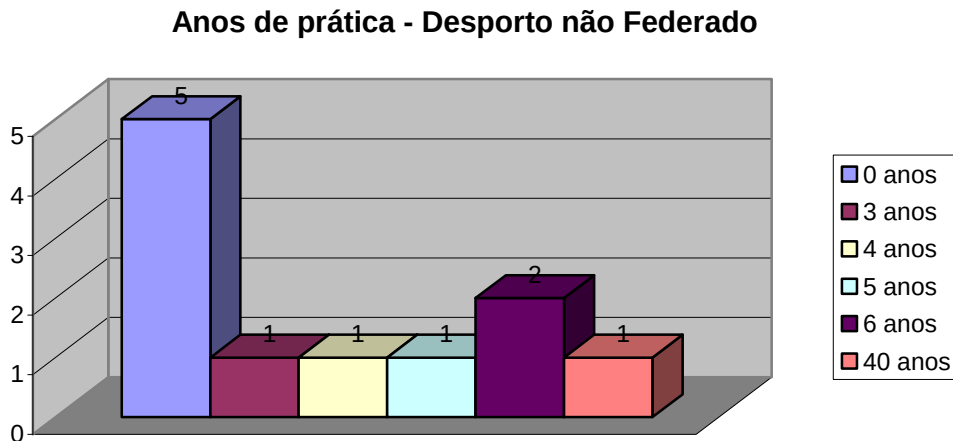


Figura 5. Número de anos de prática que os inquiridos possuem no Desporto não Federado.

Já no que se refere ao Desporto Federado, a média de anos de prática é de 23 anos, variando entre os 12 e os 46 anos de prática.

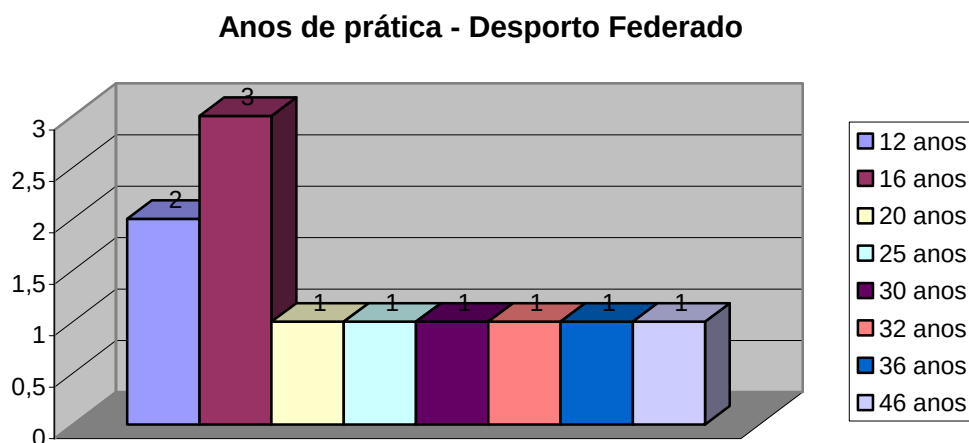


Figura 6. Número de anos de prática que os inquiridos possuem no Desporto Federado.

Quanto à participação em competições a nível internacional, 10 dos entrevistados responderam positivamente a esta questão, sendo que apenas 1 não o fez como atleta mas somente como técnico. Por outro lado, apenas 8 dos entrevistados representou a selecção nacional, um dos quais a selecção de Angola. Um dos entrevistados afirmou que naquela altura não havia selecção nacional.



Figura 7. Número de entrevistados que já participou em competições a nível internacional.

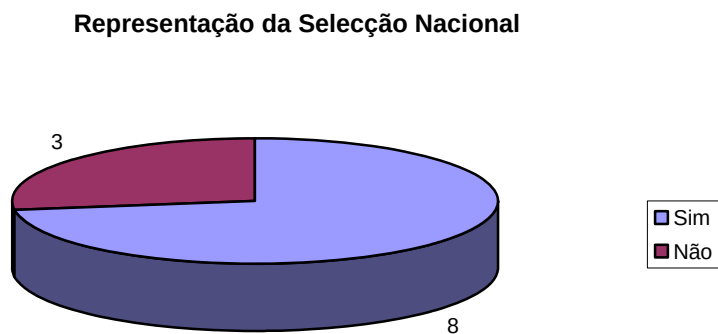


Figura 8. Número de entrevistados que já representou a selecção nacional.

Por último, quando questionados sobre a sua relação actual com o Desporto, as respostas foram bastante diferenciadas, nomeadamente:

- Professor de Educação Física;
- Professor na Faculdade de Desporto;
- Coordenador da especialidade de Medicina Desportiva no Centro de Medicina Desportiva do Futebol Clube do Porto;
- Coordenador metodológico da formação do Futebol Clube do Porto;
- Coordenador da secção de ginástica do Sport Clube do Porto; coordenador da secção técnica;
- Juiz nacional e internacional de ginástica;
- Presidente da Associação Nacional de Juizes de Ginástica Desportiva;
- Treinador/técnico;
- Atletas veteranos.

3.2) A Investigação Qualitativa

Dado o carácter de análise interpretativa do nosso estudo, a recolha de dados será feita recorrendo à metodologia qualitativa.

A expressão *investigação qualitativa* é comumente utilizada como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação, com características muito próprias. Neste contexto, os dados recolhidos são denominados *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais ou conversas. Quanto às questões a investigar, estas são desenvolvidas com o objectivo de desvendar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (Bogdan e Biklen, 1994).

Embora os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a seleccionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou testar hipóteses – privilegiam particularmente a compreensão dos comportamentos, a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, analisando os dados de forma indutiva. Para além disto, é usual que a pessoa do próprio investigador seja o único instrumento, tentando levar os sujeitos a expressar livremente as suas opiniões sobre determinados assuntos (Bogdan e Biklen, 1994). O significado é, assim, de importância vital na abordagem qualitativa.

De acordo com os autores, a investigação qualitativa possui um conjunto de características muito específicas, que consideramos importante mencionar. Assim, neste tipo de pesquisa, o investigador assume-se como o principal instrumento, sendo o ambiente natural a fonte directa de dados. Acrescentam também que a investigação qualitativa é descritiva, na medida em que os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Na procura de conhecimento, os investigadores enfrentam e abordam o mundo de forma meticulosa, recolhendo e analisando os dados em toda a sua riqueza. “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista

que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 49).

Após a importante decisão de enveredar por um determinado caminho, será talvez ainda mais importante decidir de que forma o vamos percorrer.

Segundo autores como Ghiglione e Matalon (1997), o método de inquérito é o mais adequado para compreender fenómenos tais como atitudes, pensamentos e opiniões, que só são acessíveis através da linguagem. Seguindo esta linha de pensamento, pareceu-nos que a entrevista seria o procedimento mais adequado e capaz de responder às necessidades da recolha de informação.

3.3) A Entrevista

Falar de “inquérito” não é tarefa fácil, isto porque a sua prática impõe o recurso a diversas técnicas, as quais colocam sempre problemas específicos.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1997, p. 2) realizar um inquérito é “(...) interrogar um determinado número de indivíduos, tendo em vista uma generalização (...)”. Neste sentido, o indivíduo transforma-se na unidade de observação, e o seu discurso constitui a “matéria-prima” do inquérito, ou seja, é essencial o recurso ao inquérito quando o nosso objectivo se centra na apreensão de um amplo conjunto de factos, fenómenos, opiniões e comportamentos, formas de estar, que só são possíveis apreender através da linguagem.

Neste estudo, é utilizado este método sob a forma de um dos seus instrumentos característicos: a entrevista.

Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele (Quivy e Campenhoudt, 2003). Para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é precisamente uma das estratégias mais representativas da investigação qualitativa, sendo utilizada para recolher dados descritivos da linguagem dos

sujeitos, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como aqueles interpretam aspectos do mundo. Por seu lado, também Lessard-Hérbert et al. (2005) consideram pertinente e necessário o recurso à entrevista, quando o objectivo se identifica com a recolha de dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as ideias dos sujeitos observados.

Reflectindo ainda nas palavras de Bogdan e Biklen (1994), que nos elucidam para o facto de que todos nós já fizemos entrevistas, sendo um processo tão familiar “que as fazemos sem pensar”(p. 134), podemos caracterizar as entrevistas como uma conversa com um carácter formal, tendo como intenção inerente obter informações concretas da pessoa com quem conversamos. Por conseguinte, acrescentamos ainda que poderão ser definidas, segundo Burgess (2001, p. 112) como “conversas com um objectivo”, geralmente entre duas pessoas, podendo, no entanto, envolver um maior número de intervenientes (Bogdan e Biklen, 1994).

A utilização da entrevista pressupõe, neste caso, que o investigador não dispõe de dados já existentes, sendo que aquilo que é dito fornece informações, em primeiro lugar, sobre o pensamento da pessoa que fala e, secundariamente, sobre a realidade que é objecto de discurso (Ruquoy, 1997).

Conforme testemunha Ruquoy (1997, p. 87), as entrevistas podem ser organizadas num *continuum*: “(...) num dos pólos, o entrevistador favorece a expressão mais livre do seu interlocutor, intervindo o menos possível; no outro, é o entrevistador quem estrutura a entrevista a partir de um objecto de estudo estritamente definido.”

Ghiglione e Matalon (1997) são mais precisos, evidenciando que podemos diferenciar três tipos de entrevistas: as entrevistas não directivas (ou livres), as semidirectivas, e as directivas ou estandardizadas. Atendendo às características do próprio estudo, a entrevista semidirectiva será a que melhor se enquadra no âmbito deste trabalho.

A entrevista do tipo directivo, não se mostrou a melhor escolha para atingir o objectivo a que nos propúnhamos. Burgess (2001) aponta a crítica que Oakley (1981) e Wakeford (1981) fazem a este modelo, o qual coloca o entrevistador numa relação não natural com aqueles que são analisados.

O facto de a entrevista semi-estruturada ou semidirectiva permitir a existência de um esquema, faz com que se revele a melhor escolha para os objectivos deste estudo.

Relativamente a esta entrevista, podemos dizer que é “semidirectiva”, no sentido em que não é, por um lado, inteiramente aberta nem, por outro, encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Faz-se acompanhar por um esquema de entrevista – que pode ser denominado de variadas formas, dependendo da concepção particular de cada autor, por exemplo: perguntas-guia (Quivy e Campenhoudt, 2003), grelha de temas (Ghiglione e Matalon, 1997), guia (Ruquoy, 1997) ou guião (Bogdan e Biklen, 1994) – podendo os temas ser abordados de forma livre. Porém, se o entrevistado não abordar espontaneamente um dos temas, o entrevistador colocará uma nova questão para que o indivíduo possa produzir um discurso que se reporte ao quadro de referência específico, a propósito do qual é imperativo receber informação. Na opinião de Ruquoy (1997), o guia da entrevista define o tema ou o conjunto de temas a abordar, de modo a possibilitar uma intervenção no sentido de levar o entrevistado a aprofundar o seu pensamento, ou, então, a explorar um novo campo de que não fala espontaneamente. Neste sentido, o guia distingue-se deveras do questionário, não somente pela sua forma de utilização, mas também, e principalmente, pelo papel que atribui ao entrevistado – ou seja, servimo-nos do guia, respeitando o mais possível a ordem de exposição de pensamento do entrevistado. Mas mesmo utilizando um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos, oferecendo ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo (Bogdan e Biklen, 1994).

Dito isto, concluímos que numa perspectiva semidirectiva, o que o entrevistador deve fazer, para além de seguir a linha de pensamento do seu interlocutor é, ao mesmo tempo, zelar pela pertinência das afirmações relativamente aos objectivos e propósitos da pesquisa (Ruquoy, 1977).

Instaura-se, assim, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor expressa as suas percepções,

interpretações ou experiências. Por seu lado, o investigador, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, vai facilitar essa expressão, evitando que ela se afaste dos objectivos da investigação, permitindo que o interlocutor “(...) aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade”(id., p. 192).

Nas palavras de Ghiglione e Matalon (1997, p. 88), “(...) a entrevista semidirectiva intervém a meio caminho entre um conhecimento completo e anterior da situação por parte do investigador (o que remete para a entrevista directiva), e uma ausência de conhecimento, (remetendo para a entrevista não directiva)”. A grande diferença entre a entrevista livre e a semidirectiva, é que na primeira, o entrevistador não tem qualquer quadro de referência anterior, enquanto que na segunda tem, utilizando-o somente se o entrevistado esquecer uma parte do mesmo. A entrevista semidirectiva é, assim, adequada para aprofundar um determinado domínio, (conferindo-lhe um sentido exploratório), ou verificar a evolução de um domínio já conhecido. Na mesma linha de pensamento situa-se Ruquoy (1997). O autor defende que ao focarmos a nossa atenção na entrevista semidirectiva, nos situamos num “nível intermédio”, respondendo a duas exigências que podem, no entanto, parecer contraditórias: “(...) por um lado, trata-se de permitirmos que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objecto perspectivado (daí o aspecto parcialmente “não directivo”); por outro lado, porém, a definição do objecto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar.” (id., p. 87).

Para Bogdan e Biklen (1994), as boas entrevistas produzem uma grande riqueza de dados, repletos de palavras que dão a conhecer as perspectivas dos respondentes. Os autores aconselham mesmo a “(...) encarar cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo (...)” (id., p. 137). Por isso, uma estratégia-chave para o entrevistador neste campo de trabalho, consiste em evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com “sim” ou “não” – os pormenores e os detalhes surgem a partir de perguntas que exigem exploração.

Podemos concluir então que a entrevista, como momento de recolha de informação, é verdadeiramente importante. Ela pressupõe uma atitude, uma

acção e uma conduta estratégicas, de modo a possibilitar ao investigador retirar dados e elementos de reflexão mais ricos e variados.

3.4) Elaboração e validação da entrevista

Para o nosso estudo, tornou-se imperativa a concepção do instrumento para a recolha dos dados. Consequentemente, para que o instrumento produzisse a informação adequada, procuramos formular um conjunto de questões que pudessem dar resposta à temática em estudo. Deste modo, a primeira operação a realizar, após a sua concepção, consistiu em testá-lo ou, utilizando a nomenclatura de Gauthier (1987, cit. por Lessard-Hérbert et al., 2005), validá-lo. Este autor, assegura que “a preocupação com a validade é, antes de mais, aquela exigência por parte do investigador que procura que os seus dados correspondam estritamente àquilo que pretendem representar, de um modo verdadeiro e autêntico.” (Gauthier, 1987, cit. por Lessard-Herbet et al., 2005, p.68).

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), no que diz respeito ao guião de entrevista (sobretudo quando se trata de uma entrevista semidirectiva), é a forma de conduzir a entrevista que deve ser experimentada, tanto ou mais do que as próprias perguntas contidas no guião.

Deste modo, depois de elaborada, a entrevista foi aplicada a dois atletas veteranos que apresentavam as mesmas características exigidas ao grupo de estudo. Foram treinadas estratégias de interpolação e também a capacidade de intervenção adequada, nomeadamente na formulação de outras perguntas pertinentes que surgissem directamente do desenvolvimento do discurso de cada um dos entrevistados. Após a sua aplicação aos atletas de “validação”, a entrevista foi reformulada até chegar ao guião final. Penso que esta etapa foi importante na medida em que permitiu familiarizar com este tipo de metodologia até então algo desconhecida e ao mesmo tempo ganhar um pouco mais de autonomia e à vontade nesta tarefa que se pode assumir bastante imprevisível.

Neste sentido, o segundo guião foi então elaborado tendo em conta, precisamente, os resultados obtidos nestas duas entrevistas e após uma apreciação de um investigador que trabalha habitualmente com este tipo de instrumento. (ver anexo 2 e 3, com os guiões das entrevistas 1 e 2 respectivamente).

Posteriormente a estas etapas, seguiu-se a recolha de dados, que foi efectuada ao longo dos meses de Julho e Setembro de 2008. Foram realizadas 11 entrevistas a atletas veteranos de referência, de várias modalidades, e de ambos os géneros, masculino e feminino. (ver anexo 4 – identificação dos entrevistados). As entrevistas foram efectuadas nos locais de trabalho dos referidos atletas, de entre as quais, clubes, escolas e faculdade.

3.5) Análise das entrevistas

Bardin (1977, p. 7) define análise de conteúdo como um “instrumento polimorfo e polifuncional”, cada vez mais hábil e subtil, em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos extremamente diversificados. De acordo com a linha de pensamento desta autora, a análise de conteúdo “(...) procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (...)” (*id.*, p. 38), sendo um instrumento ajustável a um campo muito vasto de aplicação e imbuído de uma grande diversidade de formas.

Bogdan e Biklen (1994) reproduzem, de uma forma bastante interessante, a íntima relação que se estabelece entre o investigador (ou analista), e esta técnica de análise: “Tal como um mineiro apanha uma pedra, perscrutando-a na busca do ouro, também o investigador procura identificar a informação importante por entre o material encontrado durante o processo de investigação. Num certo sentido, os acontecimentos vulgares tornam-se dados quando vistos de um ponto de vista particular –o do investigador”(*id.*, p. 149).

Assim, a análise de dados, segundo Bogdan e Biklen (1994), caracteriza-se por ser um processo de procura, um processo de organização metódico e sistemático de transcrição de entrevistas (de notas de campo, artigos de jornal,

etc.), com o intuito de ampliar a compreensão desses mesmos materiais, trabalhando no sentido da descoberta dos aspectos mais importantes.

Quivy e Campenhoudt (2003) referem que a análise de conteúdo, dentro da investigação social, ganha cada vez mais importância. Isto porque oferece a possibilidade de trabalhar de forma metódica e organizada informações, declarações e testemunhos que apresentem um certo grau de profundidade e de complexidade. Incidindo sobre um material rico e profundo, “a análise de conteúdo permite satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (*id.*, p. 227).

Já de acordo com Giglione e Matalon (1997), a análise de conteúdo coloca-nos sempre o problema do sentido, quando o tipo de material recolhido é do tipo verbal.

A análise de conteúdo, deve então ser encarada como uma “técnica de ruptura” com o teor aparente e superficial das respostas, ou do material disponível (Pais, 2004, p. 102).

É certo que para Pais (2004, p. 102), a informação que nos é fornecida através das entrevistas não nos concede a “realidade”, isto é, a realidade dos indivíduos e a forma como a constroem. Um dos objectivos da análise de conteúdo é precisamente o de “*des-cobrir* e *des-ocultar*” essa “realidade”, através de processos de reconstrução, a partir da matéria informativa que as entrevistas constituem.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo possui diferentes fases que podem ser organizadas ou agrupadas em três pólos cronológicos distintos: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados e sua interpretação. A primeira fase, a de pré-análise, caracteriza-se por ser uma etapa de organização. Ainda que corresponda a um período de intuições, tem como objectivo central tornar operacionais e sistemáticas as ideias preambulares, tornando-se necessário, por vezes, proceder à elaboração de um *corpus*, sendo este constituído pelos documentos que futuramente serão submetidos aos procedimentos analíticos. Relativamente à fase de exploração do material, esta é normalmente caracterizada por ser

longa e “fastidiosa”, baseando-se em operações de codificação ou enumeração. Por fim, a fase de tratamento dos resultados obtidos e a sua interpretação, tem como objectivo tratar os dados de maneira a atribuir-lhes significado.

Segundo Guerra (2006) a análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito. De facto, quando falamos em investigação empírica, falamos de uma série de operações como descrever os fenómenos (nível descritivo), descobrir as suas co-variações ou associações (nível correlacional e grosso modo objectivo da análise categorial) e ainda descobrir relações de causalidade de interpretação das dinâmicas sociais em estudo (nível interpretativo e grosso modo correspondente à análise tipológica). Ainda de acordo com a mesma autora, nas entrevistas em profundidade (e histórias de vida) utiliza-se uma diversidade de técnicas de análise de conteúdo para cada uma destas operações: transcrição, leitura das entrevistas, construção das sinopses das entrevistas (são sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis, inclusive na linguagem, ao que disseram os entrevistados) e análise descritiva (análise tipológica, análise categorial e temática aprofundada).

3.6) As categorias de análise

Guerra (2006) refere que a análise categorial, consiste na identificação das unidades pertinentes que influenciam determinado fenómeno em estudo reduzindo o espaço de atributos de forma a sacar apenas as variáveis explicativas pertinentes.

Segundo Bardin (1977) “(...) a codificação corresponde a uma transformação – efectuada segundo regras precisas – dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto que podem servir de índices (...)” (ibid, p. 97)

Também no entender de Holsti (1969, cit. por Bardin, 1977) ao processo de transformação de dados brutos em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo, chama-se codificação.

Bardin (1977) afirma que a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género. “As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.” (ibid, p.111)

Segundo o mesmo autor, classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles, sendo possível contudo, que outros critérios insistam noutros aspectos de analogia, talvez modificando consideravelmente a repartição anterior (Bardin, 1977).

Ainda segundo Bardin (1977), a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias e a categorização tem como primeiro objectivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.

A categorização pode, segundo Bardin (1977), ser feita por dois processos inversos:

- *A priori*, no qual o sistema de categorias é previamente determinado e posteriormente repartem-se da melhor maneira possível, os elementos, conforme são encontrados no *corpus* de estudo;
- *A posteriori*, no qual o sistema de categorias não é fornecido mas resulta por sua vez, da classificação analógica e progressiva dos elementos.

O processo utilizado no nosso estudo foi, predominantemente, a classificação *a posteriori*, ou seja, as categorias foram emergindo à medida que o *corpus* de estudo era lido e analisado.

Assim, através da análise exploratória e aprofundada que efectuamos ao *corpus* do estudo, foi-nos possível construir um sistema categorial. Para isso foi fundamental a revisão da literatura efectuada, bem como o conjunto de novas dimensões e matérias provenientes dos discursos dos entrevistados, que nos permitiram alcançar e perceber um conjunto de categorias esclarecedoras da temática em estudo.

3.6.1) Categoria Beleza

Beleza foi o termo mais comumente referido pelos inquiridos e, de facto, a associação entre Estética e beleza é clássica. Beleza foi já, na História da Humanidade, aclamada por Platão, bem como por Pierre de Coubertin na sua *Ode ao Desporto* onde proclama “Oh Desporto, tu és a beleza”.

Também Patrício (1993), reconhecendo que o belo se manifesta na experiência sensível, afirma que a beleza é mais rica que a pura sensação, já que é ela que nos proporciona a presença do valor estético.

Takács (1989) por sua vez afirma que quando se pensa em Estética do Desporto imediatamente se pensa em Desportos bonitos.

No entanto, concordamos com Porpino (2003) quando afirma que o ideal clássico de beleza não é exclusivo nem suficiente para envolver o universo estético nos dias de hoje.

Esta categoria parece-nos bastante subjectiva e, na tentativa de a tornar mais perceptível, recorremos a sub-categorias, intimamente relacionadas, referidas pelos autores evidenciados na literatura e focadas também pelos inquiridos.

3.6.1.1) Categoria Perfeição

A categoria perfeição, intimamente ligada a qualidade técnica, marcou presença no discurso dos entrevistados, como forma de incrementar a apreciação Estética.

Boxill (1988) refere que quando o corpo se move eficientemente, apresenta uma fluidez e graça que é a sua beleza.

Kupfer (1988) é um outro autor que opina sobre esta categoria, afirmando que a excelência é atingida quando o corpo se move da forma mais perfeita, sendo este o principal critério para a apreciação Estética. Foi interessante verificar a convergência entre esta ideia e a opinião dos inquiridos no nosso estudo.

3.6.1.2) Categoria Superação / Transcendência

Superação e transcendência estão intimamente ligadas ao Desporto, na medida em que nele o homem busca o *Citius*, o *Altius* e o *Fortius*, procura sempre superar as suas capacidades e alcançar metas e recordes nunca atingidos.

As categorias transcendência e superação foram já evidenciadas por Lacerda (2002), as quais, segundo a autora, convergem de igual modo para a exaltação do potencial estético da actividade desportiva.

Lipovetsky (1992) testemunha a capacidade que o Desporto tem de nos extasiar, quando ilustra as imagens daquilo que excede e supera as nossas capacidades (comuns): “(...) a sua força reside no fascínio da *excepcionalidade* corporal tornada possível por via da competição.” O que está “(...) no centro do poder do acontecimento desportivo é a sedução da *performance* atlética e a Estética do desafio corporal.” (*ibid.*, p. 134).

Os dados retirados das entrevistas vêm corroborar aquilo que foi patenteado pela literatura.

3.6.1.3) Categoria Criatividade

Criatividade, no sentido de originalidade, movimentos novos, criativos, que provocam admiração e entusiasmo, foi referida pelos entrevistados como estimuladora da apreciação estética do Desporto. Para o grupo em estudo, tudo o que é muito formatado e previsível, perde a excitação.

Indagando um pouco sobre os dados da literatura encontramos Aspin (1983) que valoriza a presença da criatividade e da imaginação no Desporto, afirmando que são qualidades premiadas e apreciadas na nossa participação como praticantes e como espectadores.

Hyland (1990) por sua vez, defende que em todos os Desportos como em todas as formas de arte, a improvisação desempenha um papel importante que pode ser maior ou menor.

Também no entendimento de Bento (1995) o Desporto actual compatibiliza-se talvez melhor com inovação, criatividade, imaginação, emoção, prazer, singularidade, o que nos remete para o reconhecimento de categorias Estéticas.

3.6.1.4) Categoria Harmonia

No entender de Lacerda (1997) “(...) ao termo Estética é tradicionalmente associado, em primeiro lugar, o conceito de beleza, e depois conceitos de harmonia, de plasticidade, de amplitude, de expressividade, de emocionalidade.”

Esta categoria, bastante mencionada pelos inquiridos, reporta-se a algo que transmite ordem, congruência, uniformidade remetendo assim para a beleza do movimento. Num trabalho realizado por Takács (1989), concluiu-se que a existência de movimentos harmónicos contribuía, do ponto de vista dos intervenientes no estudo, para a definição de beleza no Desporto. Também Boxill (1988) assinala a importância da harmonia de movimentos na Estética do Desporto, chamando a atenção para a sua presença quando a apreciação se centra no acordo entre o corpo e os equipamentos desportivos ou os factores da natureza (no contexto da qual decorre a actividade).

3.6.1.5) Categoria Fluidez

Atendendo às opiniões dos entrevistados, fluidez é algo que tem continuidade, ou seja, um movimento que não é interrompido de forma brusca, que não apresenta deformidade, que não é corrompido.

Elliot (1974, cit. por Kirk, 1984) defende que, se pretendermos afirmar que o Desporto possui “propriedades Estéticas”, então é necessário enfatizar qualidades como velocidade, graça, fluidez, ritmo, energia, cujas combinações se constituem na beleza.

Também Kupfer (1988) realça que aquilo que buscamos é a suavidade e a fluidez de movimentos que sugira que esses se desenvolvam sem esforço, que não há energia desperdiçada nem movimentos supérfluos.

Parece-nos que esta categoria converge, nas opiniões de inquiridos e autores, para a exaltação da presença de qualidades estéticas no Desporto.

***Análise,
discussão e interpretação
dos resultados***

4. Análise, discussão e interpretação dos resultados

Este é sem dúvida um ponto fulcral de todo o trabalho até então desenvolvido, pois é nesta etapa que serão analisados e interpretados os dados obtidos, interpolando-os com os dados da literatura mais pertinentes, de modo a conseguirmos dar resposta aos objectivos inicialmente estipulados.

Após a análise dos dados recolhidos, parece existir um consenso entre todos os entrevistados relativamente à presença de Estética ou elementos da Estética no Desporto, o que vai de acordo com aquilo que foi evidenciado pela literatura. Apesar de ser uma área de estudo recente, já em 1938, num trabalho intitulado *Desporto, Jogo e Arte*, Lima sustentava que o Desporto pode suscitar profundas emoções Estéticas e na realidade, todos os atletas entrevistados relacionaram Desporto e Estética identificando no Desporto elementos de natureza Estética.

“(...) eu acho que mais ou menos todos os Desportos têm o seu cunho de estético, uns mais que outros, mas acho que em todos eles nós podemos encontrar um bocadinho de qualquer coisa que pode ser definido pela Estética.” (Entrevista 5)

“Em todos os Desportos há Estética.” (Entrevista 6)

“Todo o movimento envolve uma componente plástica e portanto a partir daí isso liga directamente o Desporto à Estética porque o Desporto na generalidade é movimento, na maior parte dos casos é movimento e portanto inclui uma componente estética muito grande (...)”. (Entrevista 8)

“Todos têm a sua Estética, a sua graciosidade também não é.” (Entrevista 9)

“Eu acho que há, cada Desporto tem a sua Estética muito própria, sem dúvida nenhuma.” (Entrevista 11)

Recorrendo à literatura, encontramos Hyland (1990), que sustenta que a maioria dos filósofos do Desporto concordam com a existência de uma

poderosa componente estética na actividade desportiva e também Witt (1989) que é um outro autor que pensa que o mundo do Desporto é um mundo de valores estéticos. Witt (1989) menciona um aspecto comum a todos os Desportos, que respeita à possibilidade de constituírem fonte de prazer estético – em todos os tipos de Desporto e todas as situações desportivas podem constituir-se fonte de um prazer estético. Do mesmo modo argumenta Fisher (1972, cit. por Osterhoudt, 1991), para quem o Desporto constitui uma fonte muito rica de experiência estética e Lovisolo (1997), que defende que o Desporto evoca a presença de elementos estéticos.

Relativamente a este ponto parece inegável para todos os entrevistados, a presença de Estética no Desporto, facto que vai de encontro ao evidenciado na literatura.

Quando falamos em Desporto referimo-nos, naturalmente, à pluralidade de Desportos, sendo que quando os inquiridos foram directamente confrontados com a questão da presença da Estética nas diversas modalidades desportivas, apenas um refutou esta ideia. Todos os outros foram unânimes em aceitar a presença de Estética em todas as modalidades, salientando porém que as mesmas possuem *Estéticas* diferenciadas e muito próprias.

“E por isso é que se consegue entender que as diferentes modalidades desportivas com imagens estéticas tão diferentes, possam cada uma delas tocar em pessoas também tão diferentes e tão abrangentes. (...) “(...) há Desportos aparentemente mais estéticos (...)” (...) “Todas as modalidades desportivas têm uma estética própria e uma beleza incontestável” (Entrevista 1).

“Nenhuma modalidade desportiva, desde o hóquei em campo ao hóquei em patins, ao voleibol, à natação ou ao remo, todas elas têm gestos de uma beleza extraordinária e na qual logicamente se inclui a globalidade e a generalidade do conceito da Estética.” (Entrevista 2)

“Portanto eu tenho muita dificuldade, reconheço com facilidade que por mais aproximações que se queiram fazer, as actividades são todas diversas e

ainda bem que é assim e dentro de cada actividade é possível reconhecer concepções diversas.” (Entrevista 3)

Evidenciando os dados da literatura, também Kupfer (1988) refere que não é apropriado esperar a mesma riqueza Estética de diferentes formas ou estilos artísticos. Assim Kupfer (1988) realça que a apreciação Estética de um Desporto em particular tem que ser adequada às possibilidades Estéticas desse Desporto.

“Eu costumo dizer que não há um Desporto melhor do que outro, não há uma modalidade melhor do que outra, embora eu neste contexto e no contexto que eu acabei há bocado de falar sobre a Estética, eu entendo que há alguns Desportos que sejam mais completos do que outros e por isso, onde estes graus de liberdade, onde a expressão do que é, do ponto de vista antropológico, possa ser considerado como mais especificamente humano, se pode verificar as condições, e por exemplo, concretamente o ser humano só adquire as características humanas porque vive um contexto social.” (Entrevista 4)

“É por isso que eu digo que não há um Desporto que seja melhor que o outro. Há, eu há bocado quando fiz a diferença entre desportos individuais e desportos colectivos, há provavelmente uns desportos que são mais ricos do que outros e potencializam mais a expressão daquilo que na essência é o ser humano ou deve ser o ser humano, mas não há um desporto melhor que outro, cada um na sua modalidade pode expressar-se de modo cada vez mais estético. (Entrevista 4)

“Eu penso que não existe nenhuma modalidade desportiva que não tenha a sua expressão Estética.” (...) “Qualquer classificação entre desportos estéticos e não estéticos para mim é fútil e não corresponde à realidade daquilo que eu penso que é a Estética do Desporto.” (Entrevista 6)

Wertz (1988) acrescenta que é necessário encontrar nas acções características de determinadas actividades, marcas, sinais identificadores, e

não ficarmos apenas pelo contexto. A essência dos movimentos é definida pelo contexto normal das suas ocorrências. Argumenta ainda que determinar o tipo de acção é necessário mais do que a localização ou a envolvência.

“(...) cada Desporto depois explora ou sobrevaloriza mais uns aspectos do que outros(...)” (Entrevista. 11).

Associado a isto encontra-se nomeadamente o facto das diferentes modalidades possuírem objectivos distintos e numas prevalecer mais o lado artístico do que noutras.

“Provavelmente os desportos, há desportos com uma tendência, um contexto mais artístico que outros e nesses, estou a pensar por exemplo no caso da ginástica, mais da ginástica feminina, por exemplo, mas da ginástica em geral, todos esses elementos estéticos estão lá muito mais visíveis, mas mesmo outros desportos, a patinagem no gelo, por exemplo, e outros desportos têm essa componente estética muito evidente. Agora há outros desportos em que a Estética não é tão importante, não é aquilo que prevalece no objectivo do Desporto, são desportos em que a Estética está intrínseca, está latente.” (Entrevista 8).

“Em todos os desportos. Umas, e quando há bocado falaste na questão da ginástica artística, da patinagem, da natação sincronizada e aí, essas modalidades exigem mais uma performance artística, do que propriamente Estética, é mais artística, tem mais um vector artístico na performance dos atletas, eu ia a dizer das atletas, provavelmente é mais das atletas, mas dos atletas. Portanto há uma intenção artística na execução, o que não é o caso de um futebolista, ou de um andebolista, ou de um basquetebolista, ou de um atleta. Esses estão mais interessados na performance, no resultado do que propriamente no aspecto estético, o que não acontece nestas modalidades, aí é que está a diferença, a diferença é só essa. É a intenção artística que se põe

na execução ou a intenção na obtenção do resultado no objectivo do jogo que se pratica ou na modalidade que se pratica nas outras, mas de resto esteticamente, o corpo humano é estético por natureza, portanto está em todos os desportos.” (Entrevista 81)

Segundo Takács (1989), não há margem de dúvidas relativamente à existência de desportos possuidores de evidentes sinais formais de beleza, baseadas em valores externos, p.ex., um desporto pode ser bonito porque é espectacular, dinâmico, colorido; os fatos bonitos podem ser vistos; existem movimentos harmoniosos; porque é excitante, leve, intelectual, gracioso, etc. Estes sinais podem variar de diferentes maneiras de acordo com o gosto pessoal e a educação, e na forma como o observador apreende a harmonia corporal, as cores, beleza facial, sorriso, música, cenário, roupas, efeitos de luzes.

A existência de qualidades estéticas na realidade do Desporto é na generalidade e quase unanimemente aceite e até esperada. (Witt, 1989).

Deste modo, sendo nosso intuito reconhecer se os inquiridos recorriam a categorias estéticas para clarificarem a sua perspectiva sobre a temática em questão, pudemos verificar, após uma análise exaustiva dos dados obtidos, neste caso sob a forma de linguagem (discurso), que recorriam com alguma frequência a algumas categorias da Estética e foi-nos igualmente possível seriar algumas delas, que de algum modo sobressaíram, com maior ou menor grau de importância, no discurso deles.

Passamos agora à apresentação das categorias que se manifestaram mais relevantes.

4. 1) Beleza

Esta foi a categoria mais focada e mais evidenciada pelos entrevistados, o que não nos surpreende, visto que é comum recorrer-se à beleza como forma de descrever e clarificar o conceito de Estética do Desporto

Takács (1989) sustenta, contudo, que é necessário reflectir e analisar profundamente a Estética do Desporto, isto é, as qualidades estéticas associadas ao Desporto, o que implica uma análise centrada nas categorias estéticas, concentrando-nos acima de tudo na beleza.

Takács (1989) afirma ainda que quando se relacionam as expressões Desporto e Estética, imediatamente se pensa em desportos “bonitos”. Na sua opinião, a beleza é a qualidade estética mais difícil, contudo é aquela sobre a qual mais se opina e discute.

Essa associação entre os dois conceitos foi visível no discurso de uma grande parte dos entrevistados.

“(...) a Estética é qualquer coisa de bonito, que aos nossos olhos é bonito.” (...) “De acordo com a definição do próprio termo, a Estética está relacionada com algo que aos nossos olhos é belo, é bonito, é agradável, nos faz sentir bem, nos dá prazer ao olhar.” (Entrevista 1)

“(...) tudo isso são gestos que têm a ver e estão relacionados com a Estética, com a beleza do movimento(...)” (...) “Não há nenhuma modalidade desportiva, nenhuma actividade que as pessoas possam fazer em que os gestos fundamentais de cada uma dessas modalidades são gestos que se forem analisados ao pormenor são gestos de uma beleza e esteticamente muitíssimo perfeitos.” (...) “se nós analisarmos o gesto na forma como os músculos trabalham nas expressões faciais, na forma como as articulações se colocam em jogo, nós podemos ver em qualquer um dos gestos atitudes de uma rara beleza.” (Entrevista 2)

Também Patrício (1993), reconhecendo que o belo se manifesta na experiência sensível, afirma que a beleza é mais rica que a pura sensação, já que é ela que nos proporciona a presença do valor estético.

Ao longo das entrevistas foi evidente o recurso aos conceitos belo e beleza, como formas de explicitar e de relacionar com o termo Estética.

“Qualquer que seja a actividade desportiva, o que o individuo realiza e a forma como realiza, os movimentos que realiza, os movimentos são de tal maneira coordenados a nível motor e cerebral e central, que essa coordenação motora, a maneira como os executa, mesmo que seja um desporto aparentemente de uma agressividade brutal, podem-se tornar esteticamente perfeitos e de uma beleza incalculável.” (Entrevista 2)

“(...) a Estética acho eu que tem que ver com o belo.” (Entrevista 4)

“ A Estética no Desporto tem a ver com a Estética na vida, radica no desejo de fruirmos o belo através do Desporto.” (Entrevista 6)

“ (...) para mim, ou por ter praticado, acho que é um Desporto que transmite ate, é bonito e tem noções de Estética, quer dizer, as atitudes são bonitas.” (Entrevista 7)

“(...) qualquer modalidade tem aspectos estéticos e de beleza estética (...)” (Entrevista 8)

“Estética remete para o belo e para a harmonia (...)” (...) “(...) tudo conceitos que estão ligados à Estética, portanto remete-nos sempre para o belo (...)” (Entrevista 10)

Mas beleza é um conceito muito vago e difícil de descodificar. Na opinião de Takács (1989) a Estética do Desporto é facilmente associada a movimentos elegantes, ambientes agradáveis, desportistas bem vestidos, multidões de apoiantes vestidos de formas coloridas e outras situações similares., contudo é sua opinião também que beleza é a qualidade Estética mais difícil.

Por outro lado, concordamos com Porpino (2003) quando afirma que o ideal clássico de beleza não é exclusivo nem suficiente para envolver o

universo estético nos dias de hoje. É importante ressaltar que a Estética contemporânea já não se encontra aprisionada no conceito de “beleza”, ela já não tem como fulcro legitimador o “Belo” aclamado por Platão.

Tentaremos então decodificar um pouco esta categoria, guiando-nos naturalmente pelo discurso elaborado pelos entrevistados, o qual nos permitiu subdividir esta categoria em sub-categorias:

4.1.1) Perfeição

Perfeição encontra-se em nosso entender, muito ligada à beleza do movimento, pois são os gestos perfeitos os mais apreciados e aqueles que despertam em nós a fruição estética.

“Ora a Estética...o conceito de Estética, Estética acho eu que tem que ver com o belo. O belo tem que ver com o perfeito, então se juntarmos isto, se juntarmos estes conceitos com o conceito de Desporto, o Desporto procura através de uma actividade muito específica com um enquadramento muito específico ter a noção de que o Desporto pode contribuir para a perfeição do ser humano, nas suas mais variadas vertentes.” (Entrevista 4)

A Perfeição aparece neste contexto, na Estética do Desporto, e na perspectiva dos entrevistados, como intimamente ligada à qualidade técnica.

Boxill (1988) refere que quando o corpo se move eficientemente, apresenta uma fluidez e graça que é a sua beleza. Desta ideia partilha uma entrevistada, para quem os indivíduos com mais qualidade técnica esteticamente demarcam-se de todos os outros.

“Os olhos com que nós olhamos para as técnicas de nado, para as técnicas de partir, para as técnicas de virar, têm de facto uma estética única. O que, na nossa perspectiva, distingue muitas vezes o campeão do não campeão, é precisamente um toque diferente que o faz chegar mais rápido à parede mas

que, também esteticamente é superior, porque ao nível da sua qualidade técnica, é de facto tão bom que esteticamente se demarca de todos os outros.”
(Entrevista 1)

Kupfer (1988) por sua vez, refere que a actividade desportiva não é externamente definida pelo marcar pontos/ganhar, mas internamente definida pelo que é necessário para marcar pontos, pela maneira de jogar cujo desfecho é o marcar pontos.

Relativamente aos entrevistados, a qualidade técnica foi um conceito que marcou presença no discurso, naturalmente associada à perfeição, eficiência e como estimuladora e incrementadora da Estética.

“Isto é, valorizo o aspecto estético correlacionado com os aspectos técnicos e rentabilidade de um indivíduo e logicamente isso já aumenta, os indivíduos tecnicamente mais perfeitos, habilidosos em termos manuais e logicamente com a coordenação cerebral que os caracteriza, esteticamente é mais agradável de os observar em termos desportivos e são indivíduos que por exemplo dão maior rendimento desportivo aqueles que tecnicamente são mais perfeitos, esteticamente são “mais bonitos de observar”. (Entrevista 2)

“Valorização da Estética para mim, nesta área, Estética, beleza em termos de movimento, menos gestos parasitas, tecnicamente mais perfeitos, habilidades motoras muito mais bem conseguidas, mais bem treinadas nesses indivíduos.” (...) “Se o atleta for perfeito na forma como executa o gesto desportivo, esteticamente também será perfeito qualquer que seja a modalidade ou actividade desportiva.” (...) “(...)se nós analisarmos essas imagens, com cuidado, esteticamente algumas delas mostram alguns atletas extremamente perfeitos e imagens muitíssimo bonitas.” (Entrevista 2)

Parece-nos que esta associação é correcta, levando em consideração que a Estética está ligada às questões da sensorialidade e sensibilidade, a nossa fruição estética é muito maior quando visualizamos um movimento perfeito de

acordo com os seus padrões específicos, o qual provoca em nós maior regozijo e excitação.

“ (...) a procura dum caminho que nos conduza à exploração dessas características mais especificamente humanas e que nos vai distinguir dos outros seres, provavelmente é o caminho da Estética, é o caminho de encontrarmos o belo, o perfeito(...)” (Entrevista 4)

“E quando eu começo a correr num programa de treino de corrida, que visa por exemplo participar numa maratona, e eu começo a correr preso, cheio de sincinésias, cheio movimentos parasitas, bloqueado, com dificuldades respiratórias, estou ali num patamar protoestético ou paraestético, tem algo de anti estético porque tudo aquilo é feito em sacrifício, em expressão fechada. Depois com o treino eu vou começando a dominar o meu corpo, vou dominando a fluidez de movimento, movimentos mais fluidos, mais soltos, mais económicos, começo a ganhar souplesse no movimento, começo a ter capacidade não só fisiológica, como mecânica como Estética, começo eu a adaptar o gesto à minha própria funcionalidade, à minha própria anatomia e começa a aparecer uma funcionalidade que tem muito de estético.” (Entrevista 6)

Kupfer (1988) afirma que a excelência é atingida quando o corpo se move da forma mais perfeita, sendo este o principal critério para a apreciação estética.

Também Masterson (1983) evidencia esta categoria, associada à excelência, afirmando que esta última quando se verifica é descrita como bela.

Hemphill (1995) é um outro autor que faz referência à excelência como uma categoria Estética (ver quadro 1). A excelência foi igualmente evidenciada por um entrevistado e podemos, neste contexto assumi-la como um sinónimo de perfeição.

“(...) o que aquilo pressupõe de treino e de domínio corporal e domínio mental, começamos nós os homens do Desporto, porque sabemos que na

nossa modalidade desportiva o quanto custa chegar à excelência, começamos depois a avaliar a Estética das modalidades desportivas, mesmo aquelas que não gostamos, pela Estética do esforço, pela Estética do sofrimento, para chegarmos à excelência.” (Entrevista 6)

Portanto, de um modo geral, é opinião dos entrevistados que são a perfeição, a qualidade técnica, as habilidades motoras mais bem treinadas e mais bem conseguidas, que propiciam a fruição Estética. Os gestos belos são aqueles tecnicamente perfeitos, logo esteticamente também perfeitos.

4.1.2) Superação / Transcendência

Na opinião de Gaya (2006), são imensos os discursos que se elaboram e que ganham forma sobre os corpos que se exercitam, chamando a nossa atenção para a imensidão de manifestações que ele próprio é capaz de produzir: “(...) enganam-se aqueles que só vêem nos corpos desportivos manifestações da força, da velocidade, da flexibilidade, da resistência, da agilidade, do equilíbrio (...)” (*id.*, p. 102).

“(...) desde que o corpo esteja implicado, o corpo é de facto uma coisa...e o da mulher é igual, é de facto uma coisa fantástica na exploração dos seus limites e quando consegue continuar a ser o corpo e mais, e consegue, sujeito a uma actividade desse tipo transmutar-se quase, melhorar (...)” (Entrevista 3)

Cunha e Silva (1999, p.60) é um outro autor que opina sobre esta temática. No seu entender, todos os desportos são, potencialmente, portadores de qualidades estéticas, sendo que o corpo desportivo (o corpo do atleta) “(...) emerge como um objecto necessariamente belo”. O autor refere ainda que o corpo do desportista oferece ao Desporto essa mais valia Estética.

“(...) o corpo na exploração, digamos, dos limites do possível para o corpo, é qualquer coisa de fantástico. A generalidade dos desportos devem, na sua máxima expressão de actividade desportiva, ao corpo isso mesmo (...)”.
(Entrevista 3)

“(...) procurar superar sempre aquilo que era a minha capacidade e por isso ser sempre cada vez melhor, ser sempre o mais inteligente possível (...)”.
(Entrevista 4)

“(...) é um corpo em movimento, um corpo em acção, um corpo em ludíbrio, um corpo em expressão máxima das suas capacidades funcionais, das suas capacidades sejam motoras sejam coordenativas e, daí emerge uma determinada beleza (...)”. (Entrevista 6)

“Portanto o Desporto de alto rendimento tem sempre foros, tem sempre focos de agressividade, de dureza, de ultrapassagem de limites e eu encaro qualquer modalidade desportiva que atinge o seu patamar máximo de expressão na performance máxima, dessa performance máxima é incompatível com facilitismos, é incompatível com uma dinâmica de lazer, a alta performance no Desporto exige sacrifício, exige dor, exige suor, exige muitas vezes ferimento, exige auto punição e isso, para uma pessoa que não ame o Desporto vê isso como uma factor inestético. Eu como amante do Desporto vejo essa auto superação e mesmo quando essa auto superação está tocada pela punição física e mental, pelo esforço de ir mais longe e quando esse desejo de ir mais longe se vira em parte contra mim, eu vejo aí uma Estética de existência, uma Estética aqui nesse plano particular, é uma Estética ética (...)”.
(Entrevista 6)

As categorias transcendência e superação foram já evidenciadas por Lacerda (2002), as quais, segundo a autora, convergem de igual modo para a exaltação do potencial estético da actividade desportiva.

“Mas quando ele cai e se levanta outra vez, esta Estética da existência de eu ir à procura outra vez da minha realização” (...) “levantar-se constantemente, sempre à procura de se recensir das cotas e isto é, penso eu, a mensagem

mais bela da Estética do Desporto.” (...) “a Estética que me interessa é aquela que eu consigo exprimir-me no desenvolvimento de todas as minhas capacidades e que são expressas numa vitória em relação ao outro e em relação a mim, aos meus próprios limites.” (...) “Portanto o caminho até ao patamar em que o gesto desportivo passa de mero gesto funcional para gesto de afirmação estética, é um caminho muito duro, só poucos é que conseguem.” (...) “isso é Estética máxima, conseguir enquadrar o corpo num esforço de superação, de cargas nunca atingidas” (...) “ coordenação máxima de músculos em máxima contracção para atingir uma máxima fluidez de movimentos que permite o domínio da resistência tem a estética da superação.” (Entrevista 6)

Lipovetsky (1992) testemunha a capacidade que o Desporto tem de nos extasiar, quando ilustra as imagens daquilo que excede e supera as nossas capacidades (comuns): “(...) a sua força reside no fascínio da *excepcionalidade* corporal tornada possível por via da competição.” O que está “no centro do poder do acontecimento desportivo é a sedução da *performance* atlética e a Estética do desafio corporal.” (*ibid.*, p. 134).

“(...) e sendo que a actividade desportiva é um meio através do qual o ser humano se expressa, ela também pode ser vista num plano bem mais alargado do que a simples ganhar ou não ganhar uma competição, vista só no plano do aqui e agora, do efémero, mas para além daquilo que é visível e inclusive nem é atingível.” (Entrevista 4)

“(...) os records são para ser batidos, os êxitos são para ser ultrapassados pelos outros e isto é levar a humanidade atrás de um elo dourado, de uma utopia que é a superação continua e recorrente dos seus limites.” (...)“essa procura do gesto na sua expressão máxima, essa fruição, essa beleza do gesto consegue levar o homem mais longe e leva-o.” (...)“o Desporto corresponde sempre a uma pulsão interior, e ali o Homem ser o Citius, Altius e Fortius (...)” (Entrevista 6)

“(...) a Estética, do meu ponto de vista, no caso do Desporto, não se esgota em qualquer racionalização, portanto está para além disso, porque eu sinto, apaixono-me, eu impressiono-me, eu fico emocionado (...)” (Entrevista 3)

“Um dos crimes, do meu ponto de vista e não dos filósofos foi excluir a categorização de Estética à dimensão racional, porque ela tem algo de supra-sensível.” (Entrevista 3)

É portanto perceptível no discurso dos entrevistados que as categorias superação / transcendência, são altamente facilitadoras para a compreensão do que é a beleza e a Estética do Desporto.

4.1.3) Criatividade

Aspin (1983) e Moderno (1998) referem-se à criatividade e à improvisação como categorias Estéticas que registam uma presença importante nos jogos desportivos colectivos.

Aspin (1983) valoriza a presença da criatividade e da imaginação no Desporto, afirmando que são qualidades premiadas e apreciadas na nossa participação como praticantes e como espectadores.

“A actividade desportiva não se esgota nesta gestualidade tipificada, formatada.” (Entrevista 3)

“Capacidade de desenvolver movimentos que consigam gerar emoções em quem o vê, se consegue ou não se consegue, isso não tem nada que ver com o aspecto formal, com os aspectos formais do movimento, tem que ver com a capacidade de gerar movimentos criativos, de gerar coisas novas.” (Entrevista 4)

Takács (1989) é um outro autor que evidencia igualmente o papel importante desempenhado pela criatividade.

“Mas não me digam que até o critério de realização implique elementos obrigatórios e elementos inesperados, portanto criativos, e de facto quanto mais não seja, por nunca ter sido feito e alguém fazer eu emociono-me, perco as estribeiras e não sei quê. (Entrevista 3)

“Quando perdem diversidade, perdem a atitude estética ou a postura estética e perdem a capacidade de percepção estética” (Entrevista 3)

Hyland (1990) por sua vez, defende que em todos os desportos como e todas as formas de arte, a improvisação desempenha uma papel importante que pode ser maior ou menor.

Também Schwartz (1999, cit. por Lacerda, 2002) considera que os actos improvisados constituem a fonte primária de valor estético. Este autor compara os basquetebolistas capazes deste tipo de prestações aos músicos de *jazz* virtuosos e considera que os actos improvisados são geralmente graciosos e estéticos.

No entanto, segundo Schwartz (1999, cit. por Lacerda, 2002), essa categoria difere de desporto para desporto, ou seja, enquanto por exemplo no basquetebol, os actos improvisados são a fonte primária de valor estético, entende que em desportos como a ginástica ou a patinagem artística a improvisação não representa a fonte causal desse valor. Para o autor, neste tipo de desportos os exercícios são estabelecidos com antecedência e aperfeiçoados por meio de repetição e disciplina.

“Eventualmente uma relação do ser humano com o envolvimento, o mais original possível e é isso que provavelmente define às vezes o gerar a emoção no outro e o passar para um outro estado.” (Entrevista 4)

“É a capacidade exactamente de surpreender o outro e que provavelmente criar aquilo que podemos chamar num outro contexto, comportamentos ditos inteligentes, que são comportamentos adaptados à situação e isso provavelmente descontextualiza quem é menos estético, os mais estéticos são aqueles que se conseguem sobrepor aqueles que são menos estéticos, que são menos criativos, que são menos inteligentes, que

fazem uma melhor exploração daquilo que é estruturalmente uma potencialidade deles.” (Entrevista 4)

Para Bento (1995) o Desporto actual compatibiliza-se talvez melhor com inovação, criatividade, imaginação, emoção, prazer, singularidade, o que nos remete para o reconhecimento de categorias estéticas.

“A capacidade de sair da norma, se eu sair da norma de certeza absoluta que tem uma componente estética, do meu ponto de vista.” (...) “Passou aquilo a ser muito formatado, com um grau de previsibilidade e deixou de me entusiasmar, portanto o lado estético, o lado do alargamento da forma, que ao fim ao cabo é isto (...)” (Entrevista 3)

“O que conta é a descoberta, a Estética tem um pouco a ver com este momento, Estética do Desporto, com a descoberta do momento, quando o nosso ‘oh’” (...) “Dimensão da fruição estética do Desporto é sempre a novidade (...) quando algo de inesperado acontece.” (Entrevista 6)

Na opinião de Lacerda (2004, p. 245), a Estética do Desporto visa elevar-se a “lugar de passagem”, assegurando o acesso a “novas dimensões da criatividade e imaginação humanas”.

Lacerda 2007 afirma ainda que neste domínio, no domínio do Desporto, as categorias estéticas criatividade e estilo, contribuem para um melhor entendimento do valor estético das modalidades colectivas.

Portanto são vários os autores da literatura que referem esta categoria como influenciadora da apreciação estética do Desporto, o que está em consonância com os dados obtidos nas nossas entrevistas. Criatividade em nossa opinião será entendida como a capacidade que se manifesta pela originalidade, pela descoberta e isso torna o Desporto mais emocionante e deste modo parece-nos incrementadora da apreciação estética do Desporto.

4.1.4) Harmonia

No entender de Lacerda (1997) “ao termo Estética é tradicionalmente associado, em primeiro lugar, o conceito de beleza, e depois conceitos de harmonia, de plasticidade, de amplitude, de expressividade, de emocionalidade.”

Huizinga (1972) afirma que a peculiaridade do jogo está profundamente enraizada no estético e faz notar que as palavras que usamos para exprimir os elementos do jogo pertencem na sua maior parte, ao vocabulário da Estética; são termos através dos quais procuramos descrever os efeitos da Beleza: tensão, equilíbrio, contraste, variação, solução; o jogo é “encantador”, é “cativante”; está investido de qualidades muito nobres como ritmo e harmonia (*ibid*).

“Estética remete para o belo e para a harmonia.” (Entrevista 10)

“Harmonia, ginástica desportiva, sincronização, beleza no movimento, perfeição, tudo conceitos que estão ligados à Estética.” (Entrevista 10)

“Mas tudo tem a ver com uma certa harmonia.” (Entrevista 11)

“Talvez tenha a ver com outras coisas que estão agarradas, como harmonia, como sincronismo.” (Entrevista 11)

Com base num artigo dedicado à ginástica inserido na *Sports Rules Encyclopedia* (1966, cit. por Kuntz, 1985), Kunz faz um levantamento das categorias mencionadas como indicadoras de uma *performance* estética. Neste artigo é referida igualmente a harmonia, entre muitas outras categorias, nomeadamente: a agilidade, o equilíbrio, a força, a elasticidade, o ritmo, a harmonia, a proporcionalidade, a elegância, a facilidade, a precisão, o estilo, que devem coexistir com ausência de falhas na execução.

Foi comum no discurso dos entrevistados o recurso à categoria harmonia, para identificarem e descodificarem, se assim podemos dizer, a beleza de um movimento ou falta dela.

“Esteticamente não são tão “bonitos” ou tão harmoniosos e portanto apesar de ser redutora esta observação, para mim o conceito de Estética está fundamentalmente nisso.” (Entrevista 2)

“Muitas das vezes têm dificuldades geneticamente condicionadas pelo tipo de fibra que têm que dão movimento não tão harmónico e visualmente agradável quanto por exemplo as outras habilidades desportivas.” (...) “Há determinados gestos desportivos que determinam a harmonia do movimento.” (Entrevista 2)

Lowe (1977, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 131), é um outro autor que ao reflectir sobre a presença de valor estético no Desporto, estabelece um conjunto de categorias centradas no corpo e na sua expressão, de entre as quais verificamos a harmonia: controlo, esforço, graciosidade, harmonia, poder, precisão, proporção, ritmo, risco, velocidade, estratégia, força, simetria e unidade.

A harmonia emergiu no discurso dos entrevistados, contribuindo para o reconhecimento de valor estético no Desporto.

“seriar uma série de categorias que podiam, a harmonia, a flexibilidade” (...) “Portanto esta harmonia, esta sincronicidade, esta fluidez, esta flexibilidade, tudo categorias que você pode..., mas que só fazem sentido quando pensadas num nexo causal cuja representação é um padrão de conexões.” (Entrevista 3)

“Portanto este tipo de harmonia, que eu estava a querer dizer, ou esta fluidez, esta flexibilidade, uma infinidade de coisas que podemos ajustar aqui, tem a ver, é determinada por pressupostos anteriores, que eu chamo princípios de jogo que podem ser com todas as actividades.” (...) “Mas que seja um ganho sem perda de harmonia.” (Entrevista 3)

“Tem a ver talvez com o movimento, harmonia do movimento, com a conjugação do movimento e resultado, com a eficiência.” (Entrevista 11)

Podemos entender harmonia como uma disposição ordenada entre as partes de um todo, ordem, proporção, conformidade, coerência, simetria. É de facto manifesta a sua relação com a Estética do Desporto, quer na opinião dos entrevistados quer segundo os autores evidenciados na literatura.

4.1.5) Fluidez

Elliot (1974, cit. por Kirk, 1984) defende que, se pretendermos afirmar que o Desporto possui “propriedades estéticas”, então é necessário enfatizar qualidades como velocidade, graça, fluidez, ritmo, energia, cujas combinações se constituem na beleza.

A fluidez foi focada por alguns entrevistados estando relacionada com o próprio movimento em si, quando este é solto e não apresenta deformações, sinsinésias.

“Com uma beleza absolutamente extraordinária, com uma fluidez, aquilo é assim uma coisa.” (Entrevista 1)

“Vou começando a dominar o meu corpo, vou dominando a fluidez de movimento, movimentos mais fluidos, mais soltos, mais económicos, começo a ganhar souplesse no movimento, começo a ter capacidade não só fisiológica, como mecânica como estética.” (Entrevista 6)

Também Kupfer (1988) autor da classificação dos desportos em quantitativos ou lineares, qualitativos ou formais ou estilísticos e desportos competitivos, realça esta categoria, apontando que aquilo que buscamos é a suavidade e a fluidez de movimentos que sugira que esses se desenvolvam sem esforço, que não há energia desperdiçada nem movimentos supérfluos.

“Não se compara a expressão daquele movimento fluido, solto, parece fácil” (...) “Um é um movimento fechado, mais condicionado, pouco aberto e o outro é um movimento fluido, esteticamente conseguido.” (...) “Aquela coordenação máxima de músculos em máxima contracção para atingir uma máxima fluidez de movimentos que permite o domínio da resistência, tem a estética da superação.” (Entrevista 6)

Fluidez é assim apontada como uma categoria que nos ajuda a desvendar o complexo conceito de Estética do Desporto. Esta categoria vem de encontro ao que foi evidenciado na literatura.

4.2) Afinidade

Uma ideia que ficou bem patente nas respostas dos entrevistados, foi a questão do gosto/afinidade, sendo que a maioria reconheceu que isso acontecia, que era um pouco tendencioso e influenciador da nossa apreciação, contudo um entrevistado não admitiu essa tendência e três ficaram indecisos, tendendo as respostas para um “talvez”. Todavia, ficou expressa a ideia de que a apreciação que se faz, seja de uma modalidade desportiva, seja de qualquer outra coisa, está sempre relacionada com o modo como cada um observa, como cada um experiencia e é resultante do conhecimento que essa pessoa possui da referida modalidade/actividade.

“(...) isto tenderá um bocado (...) das expectativas, da experiência e da personalidade de cada um (...)” (Entrevista 1);

“(...) temos de ver a individualidade, a forma como nós temos o conceito de Estética.” (...) “cada um tem a sua visão estética.” (Entrevista. 2)

“Também depende do ponto de vista de quem aprecia. “ (...) “ a questão estética tem muito a ver com o gosto que cada um de nós tem por essas questões.” (Entrevista. 8);

“(...) a apreciação de qualquer coisa que seja depende de quem aprecia também não é” (...) “Uma coisa é o que está a ver, outra coisa é quem vê e outra coisa é como a vê.” (Entrevista 10)

“(...) tem sempre a ver com o lado pessoal.” (Entrevista 11)

De facto, também na literatura, esta relação já tinha sido evidenciada, tal como nos foi transmitido pela perspectiva kantiana, o juízo estético não pode ser mais do que subjectivo, sendo o gosto um campo de opção pessoal, e um objecto ou uma situação podem ser consideradas belas apenas por alguns (Beardsley & Hospers, 1997; Porpino, 2003).

Segundo Lacerda (2002) os conhecimentos desportivos do observador vão influenciar a forma como o sujeito experiencia esteticamente o Desporto. De um modo geral, o facto de gostarmos de um Desporto leva-nos a querer aprender mais sobre esse Desporto e, conseqüentemente, a apreciarmos melhor o acontecimento desportivo, constituindo um factor facilitador da experiência estética (ibid). Esta ideia foi igualmente partilhada por uma grande parte dos entrevistados.

“Se falarmos às pessoas que não estão ligadas à actividade desportiva, dizem que no Desporto não há Estética.” (Entrevista 2)

“(...) só quem está bem identificado é que provavelmente sentirá essa morfologia que ao acontecer é capaz de nos extasiar (...)”. (Entrevista 3)

“(...) para uma boa presença da dimensão estética, é preciso uma atitude estética ora é uma atitude estética que só acontece quando eu estou bem ligado ao fenómeno e portanto tenho do fenómeno um entendimento significativo da sua diversidade” (...) “ mas lá está mais uma vez, pela história que eu tenho em termos de conhecimento do que é o corpo humano e da história de que é um corpo humano relacionado com qualquer actividade (...)”. (Entrevista 3)

Parece unânime a ideia de que a análise e interpretação que fazemos, de qualquer coisa que seja, é muito influenciada pelo nosso sentimento, gosto, conhecimento e experiência que possuímos, facto com o qual concordamos.

“Portanto eu penso que sim, o facto de se ter praticado uma modalidade condiciona-nos um pouco a privilegiar essa modalidade, acho que sim.”
(Entrevista 8)

“(...) depende de quem observa, o tipo de observador pode condicionar muito aquilo que está a ver e daí a leitura que cada um faz do Desporto pode ser condicionada pela formação que a pessoa tem (...)”. (Entrevista. 10).

“Tem a ver exactamente com a formação da pessoa que está a analisar e com conceitos que a pessoa tem para ela como conceitos de Estética (...)”.(Entrevista 10)

Andrieu (1980) é um outro autor que foca um pouco esta temática, pois para si, o efeito estético consiste no resultado do envolvimento afectivo de cada um na acção. Se, por um lado, é influenciado pela cultura, por outro lado, terá que se defender dela, tornando-se o reflexo da personalidade, a expressão da emotividade que decorre duma acção perfeita, que tanto pode ser vivida como contemplada (Andrieu, 1980, cit. por Lacerda, 2002, p.144).

Witt (1989), por sua vez, sugere que qualquer classificação que façamos dos Desportos, essa classificação prende-se com o gosto, a afinidade ou, pelo contrário, com a rejeição que se pode sentir por um Desporto, o que resulta principalmente de experiências muito subjectivas que se tem com esse desporto em particular, de ligações pessoais com ele ou de determinados sentimentos em relação a essa actividade desportiva.

Segundo Lacerda (2002), uma relação mais próxima ou mais afastada, tanto em termos de prática, como de observação de acontecimentos desportivos, poderá condicionar o olhar estético sobre o Desporto.

No seu estudo, *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto* (2002), a autora afirma que os dados sugerem associações entre a

“atribuição de valor estético” e o “gosto ou afinidade por uma modalidade desportiva”.

Podemos então concluir que é possível admitir uma relação positiva entre estas duas variáveis, atribuição de valor estético e afinidade por um Desporto.

4.3) Outras Categorias

Após termos tratado as categorias mais pertinentes, aquelas mais focadas pelos inquiridos e às quais demos maior importância, passaremos de seguida a apresentar alguns resultados, que embora não tenham sido focados por todos os entrevistados, são assuntos que nos parecem de certo modo pertinentes e pelo que os incluímos na medida em que enriquecem o trabalho, complementando as categorias de análise anteriormente definidas.

Atendendo então à presença de elementos estéticos no Desporto, fazemos ressaltar os evidenciados pelos entrevistados, já que alguns deles elaboraram o seu discurso tendo como base precisamente os elementos estéticos. O **contexto ambiental, espaço físico**, foi um elemento focado pelos entrevistados, nomeadamente praticantes de natação e remo, por ser de facto algo que distingue estes Desportos das demais modalidades.

“O facto dos movimentos corporais serem desenvolvidos no meio aquático já lhe confere à modalidade uma estética muito particular.” (...) “Para nós o facto de um corpo ser capaz de se movimentar dentro de água, com uma beleza absolutamente extraordinária, com uma fluidez, aquilo é assim uma coisa.” (...) “E associado a isto, o som da própria água, a luz, a cor.” (...) “E aquilo é uma espécie de um quadro lindo, a cor, a água no corpo, a diferença de temperatura, a luz, as sombras que o corpo cria.” (...) “Aquilo não é só deslocar-se de um lado para o outro, é sentir a água, é viver a água, é viver as sombras é ouvir os sons (...)” (Entrevista. 1).

“ Pois tem uma componente muito forte (...) que é o contacto com a natureza que é formidável, a própria actividade desportiva depende do tempo e depende da água, depende das correntes e depende do calor e da chuva e andas sempre lá fora, é essencial, valorizo particularmente isso.” (Entrevista. 11).

Este elemento é de facto importante e contribui para a apreciação estética do Desporto. O mesmo já tinha sido referido por Boxill (1988) e também por Lacerda (2002).

Também a **dança**, que embora não sendo uma modalidade desportiva, foi chamada à discussão por parte dos entrevistados de modo a realçarem que as suas características intrínsecas remetem mais para a apreciação estética.

“(...) há pugilistas que são uma autêntica dança, são um autentico bailado.” (Entrevista 3).

“Claro que há Desportos que eu também acho que são bonitos, se forem bem orientados. Tens o ballet, tudo o que é ligado à dança.” (Entrevista 7)

Contudo é opinião geral dos inquiridos, que é errado pensar que só existe Estética nesse tipo de actividade.

“Isso é uma Estética objectiva, é uma Estética que não é abrangente. É uma Estética de que o que é estético é o que tem movimentos rítmicos, que derivam da dança, do ballet. Mas isso a nós não nos parece que seja um conceito amplo de Estética.” (Entrevista 1).

“Eu acho que nós não devemos, por exemplo quando falamos em Estética, valorizar fundamentalmente aquilo que as pessoas mais valorizam, isto é por exemplo a Estética num bailado, nós podemos transportar isso também para todas as outras modalidades desportivas.” (Entrevista 2)

“(...) não só a forma de execução mas também as características mecânicas que o atleta tem de ter e para mim a Estética tem a ver com tudo isso, tem a ver não só com a Estética mais concentrada em relação ao bailado

ou em relação a por exemplo, aos exercícios da natação sincronizada, do ballet e da ginástica desportiva, o conceito foca-se fundamentalmente para isso. Mas não, todo o gesto que o nosso corpo faz, seja feito em souplesse, seja feito utilizando as fibras de contracção muscular lentas, seja mais em força ou velocidade, podem ser tornados gestos considerados dentro do conceito geral de Estética (...)" (Entrevista 2)

Segundo um estudo realizado por Lacerda (2002) *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*, o meio e a dança (elementos do reportório da dança) também foram referidos como factores que influenciam a apreciação Estética do Desporto, entre muitos outros:

- Presença de música e de elementos do reportório da dança em diferentes actividades desportivas;
- Características do espaço físico onde se desenvolvem as várias actividades;
- Tipo de vestuário e acessórios utilizados;
- Diversidade de materiais característicos dos diferentes Desportos;
- Plástica do corpo humano na multiplicidade de movimentos inerentes às várias actividades desportivas;
- Morfótipo dos desportistas;
- Existência de relações de cooperação e oposição entre os atletas;
- Nível do domínio técnico exibido na prática desportiva.

Também os quatro últimos factores foram marcadamente visíveis no discurso de alguns entrevistados.

Relativamente à **plástica do movimento**, o entrevistado 8 referiu que:

"Todo o movimento envolve uma componente plástica e portanto a partir daí isso liga directamente o Desporto à Estética porque o Desporto na generalidade é movimento, na maior parte dos casos é movimento e portanto inclui uma componente estética muito grande e observando a maior parte dos desportos podemos encontrar nas atitudes dos atletas conceitos plásticos de

beleza estética, digamos de plástica que nos deixam perceber a ligação entre a Estética e o Desporto e esse é o conceito que está subjacente, basicamente, naquilo que eu sou capaz de ver agora.” (Entrevista 8)

Num outro trabalho, Lacerda (2004) chama a atenção de que a plástica do corpo humano nos diferentes movimentos inerentes às várias actividades desportivas, é um dos factores considerados como influenciadores da apreciação estética do Desporto.

No que diz respeito ao **morfótipo** dos desportistas foi constatado que:

“(…) há actividades desportivas que condicionam as chamadas tecnopatias do Desporto e então isso leva a adaptações funcionais do organismo em relação ao tipo de exercício que as pessoas fazem. Ora se uma pessoa fizer actividade física que implique a acção de fibras musculares tipo II, que são as de força, o corpo dela adapta-se a isso e ao adaptar-se a determinados morfótipos, esteticamente são ‘aberrantes’.” (Entrevista 2)

“Mas a maior parte dos morfótipos que a própria actividade desportiva condiciona no corpo de uma pessoa determina primeiro que esteticamente não sejam, que sejam agradáveis em termos visuais e que os gestos desportivos que elas utilizam também são agradáveis em termos visuais.” (Entrevista 2)

“Conclusão, há determinados gestos desportivos que determinam a harmonia do movimento, são por exemplo aqueles mais badalados, a ginástica desportiva no solo, a natação sincronizada, o ballet que também pode ser considerado uma actividade desportiva e o é. E há modalidades desportivas em si, que as cargas de treino e a intensidade de treino e as características genéticas que os caracterizam aí vão levar a alterações de morfótipo e esteticamente os indivíduos, o conceito de Estética para mim altera-se.” (Entrevista 2)

O corpo é também alvo de atenções e o modo como ele se manifesta no Desporto desperta sentimentos e opiniões acerca da sua função e forma. O

morfótipo dos desportistas aparece assim, como algo que influencia a apreciação estética que fazemos de qualquer modalidade desportiva.

Outros, por sua vez, fazem apelo àquilo que Lacerda (2002) designa pelas **relações de cooperação**, ou seja, a convivência que se estabelece entre os atletas.

“ o facto de ser um desporto de equipa por excelência, de facto a interligação, a responsabilidade e a coresponsabilidade de todos, apesar de eu na maior parte dos tempos, a maioria das vezes remar num barco só e esse é o outro lado, parece contraditório mas não é de facto, depois multiplico-me entre um skif só com um remador ou barcos maiores com quatro ou com oito. No remo, independentemente de remares só, é um desporto de equipa e essa cumplicidade está sempre presente. Eu acho que são basicamente essas duas coisas.” (Entrevista 11)

Também na opinião de Lacerda (2007), a Estética dos jogos desportivos manifesta-se na inter-acção entre colaboradores e opositores, na constante adaptação, readaptação e combinação de movimentações, na luta para vencer as dificuldades colocadas pelo adversário, nas estratégias de parceria e cumplicidade com os companheiros, na experiência de superação das limitações próprias e das adversidades do jogo. Esta ideia é referida por um outro entrevistado, que entende apenas a colaboração como uma forma de relacionamento com os elementos da própria equipa. Com os adversários, refere que existe um tipo diferente de colaboração.

“Agora a consideração do obstáculo, seja um obstáculo inerte seja um adversário, é a razão fundamental do meu êxito, eu tento jogar futebol para ganhar, eu jogo contra o outro, não é com, não há colaboração, a colaboração é que sem o outro não consigo existir, não consigo realizar esse meu desejo de auto-afirmação (...) mas este derrubar o adversário hoje, nós com os nossos valores, com a nossa filosofia, esse derrube do adversário é uma elevação

própria e uma elevação do próprio adversário porque eu digo assim ‘obrigado adversário, venci-te, mas tu foste razão fundamental para eu viver este momento de alegria e auto superação.’ (Entrevista. 6).

Nesta panóplia de ideias ressalta também uma fundamental, referida por alguns entrevistados, que é a existência de uma **Estética interior e exterior**, sendo que a primeira remete para o sentimento, para aquilo que o Desporto nos faz sentir, enquanto que a segunda remete para a sensorialidade, aquilo que o Desporto nos transmite de forma mais directa, a imagem que nos dá. Tal como nos refere Lacerda (2002) a Estética pode ser associada, por um lado, à sensação, à sensorialidade e, por outro, à sensibilidade. E também segundo Hegel (1993), a Estética entrou no vocabulário do mundo moderno, querendo significar a ciência das sensações.

“A Estética do Desporto começa não só na imagem que o Desporto nos dá mas também penso que passa por aquilo que o Desporto nos faz sentir.” (Entrevista 3 e 4)

“Porque a sua verdadeira identificação passa por um aprofundamento da reflexão sobre o fenómeno e o fenómeno não é este lado exterior, é o lado interior também (...)”. (Entrevista 3)

“E esta Estética do Desporto pode ser portanto subdividida em várias vertentes, a vertente externa, portanto a estética do movimento visível pelos outros, sentida por mim, a estética do gesto conseguido na sua expressão máxima e portanto também é analisada pelos outros, mas eu sinto mais profundamente, portanto é uma estética da fruição ou da consecução do gesto na sua máxima souplesse, na sua máxima expressão, e depois a estética interior que é a forma como eu valorizo a expressão desse movimento, dessa realização desportiva. Portanto a Estética congrega várias vertentes no sentido de ser um acto completo, portanto não há só estética externa, não é só uma estética visual, também é uma estética de alma, de interioridade, portanto uma estética de valor, axiológica.” (Entrevista 6)

“(...) existe ali uma estética da existência em que o êxito na modalidade é um êxito existencial e portanto passa a Estética de uma exterioridade para uma interioridade, muito profunda que eu penso que poucas modalidades têm essa comunicação entre estética exterior e estética interior, estética de vida, da existência.” (Entrevista 6)

Lacerda (2002, p. 23) argumenta que ao estabelecer-se uma relação entre Desporto e Estética, “(...) essa relação vale por si, pelo que é capaz de proporcionar ao desportista, e também, (...) pelo que é susceptível de oferecer ao observador”.

Atendendo então à vertente interior, à sensibilidade, somos remetidos para uma outra vertente igualmente focada pelos entrevistados, que é a vertente dos **valores éticos**.

“Começaria por dizer, a Estética trata-se de um conceito subjectivo, portanto vem dos valores, das expectativas (...)” (Entrevista. 1).

“Eu acho que todas as pessoas que vivenciaram desportos como nós, têm uma estética também psicológica de interpretação da própria vida, dos valores da vida, do conceito de amizade, de solidariedade, que na nossa perspectiva isso acaba também por ser, claro que não à primeira vista, mas acaba por ser uma consequência estética também. (...) “E a amizade e todos os valores positivos da vida são esteticamente importantes.” (...) “Para nós a Estética relaciona-se também com aquilo que há bocado nós dizíamos, com os aspectos mais psicológicos, mais sociais, o que está para além da execução do movimento.” (Entrevista 1)

“A nível do Desporto, provavelmente uma das coisas que até falta no contexto actual da sociedade em que vivemos, porque é uma sociedade um bocadinho baralhada com os valores, é exactamente essa transmissão de valores positivos que tornam a prática desportiva uma mais valia para além dos efeitos imediatos e objectivos de praticar Desporto, não é.” (...) “Provavelmente porque o que está a faltar de facto é esse up grade na Estética, as pessoas perceberem que têm que dar valor ao que é belo e bonito do Desporto, a

amizade, a fraternidade, a forma como se lida com a derrota é importante.” (...) “Não era simplesmente o ir treinar e vir embora, portanto há ali uma série de valores.” “(...) a Estética cria laços nas pessoas.” (Entrevista. 1).

Sabemos portanto que a Estética é também um valor e deste modo, esta associação feita pelos inquiridos não nos surpreende, pois de facto Estética encontra-se ligada não só à fruição que temos quando visualizamos algo que nos agrada mas também pelos valores éticos que comporta.

“Mas essa fruição do belo tem de ultrapassar a mera exterioridade, já que para mim a noção de Estética também tem a ver um pouco com os valores internos, os valores interiores, a forma como a prática desportiva se reflecte na minha beleza interior(...)” (Entrevista. 6).

“Portanto estamos a ver que esta Estética, a Estética da existência humana, quer dizer, não há uma estética supérflua, a Estética é sempre valorizada ao contexto dos valores que lhe estão subjacentes e, para mim Desporto, como expressão máxima artística do ser humano, tem todas as dimensões quando é levado a esse patamar da excelência que obriga ao sacerdócio, que obriga à missão, obriga à transcendência, obriga ao sacrifício, à dor, à lesão e à recuperação e esse patamar, a Estética distingue-se muito mal da ética da existência, é quase que, a Estética assimila ou é assimilada pela ética da auto superação.” (Entrevista. 6).

Indagando um pouco sobre os dados da literatura, verificamos que ao longo da História da Humanidade, a História da Estética fez transparecer uma forte relação e associação dos seus valores aos valores éticos – mesmo sem a existência de uma certeza fundamentada, assumia-se a identificação do ético e do estético, do bom e do belo (Marques e Botelho Gomes, 1990).

Para Bayer (1997, p. 201), Kant (1724-1804) foi certamente o primeiro a declarar que o domínio estético não é conhecimento, mas é sentir, sendo que o que caracteriza a visão Estética é o facto de ser única, exclusiva e imediata.

Também na opinião de um dos entrevistados, a **fruição estética corresponde ao momento**, está datada, é efémera.

“Portanto para mim o Desporto ainda ganha uma maior expressão humanista e democraticamente niveladora porque eu costumo dizer que é uma Estética que se escreve no vento, é lógico que nós podemos filmar, podemos tirar fotografias, mas a estética do momento é que conta e enquanto num livro ele fica ali a perdurar no objecto, por exemplo há obras que são intemporais, um livro do Tolstoy, um quadro do Picasso, uma obra de Chopin, são intemporais. No Desporto ele está mais datado, ele é mais momentâneo, a fruição estética é mais momentânea, por exemplo nós estamos a ver hoje em dia por exemplo na ginástica, vamos ver os primeiros Jogos Olímpicos onde a ginástica foi introduzida, os movimentos com certeza fantásticos para a época, uma beleza, uma estética e agora são rudimentares, são corriqueiros portanto o Desporto tem esta expressão (...) de momento, está datado, o que é estético hoje é aquilo que eu valorizo como estético, por exemplo, estamos a ver os jogos de futebol de 1966 no campeonato do mundo, ficamos em 3º lugar, a Estética daquele jogo não tem nada a ver com a Estética dos jogos hoje em dia, portanto eu penso que por isso mesmo, pela temporalidade, pelo efémero do Desporto, a Estética é muito mais auto assumida ou deve ser muito mais auto assumida do que perdurar...” (Entrevista 6)

Qual é a beleza disso? É que se não acompanharmos a maratona na televisão, a fruição estética é o momento, é o momento em que ele passa por nós e vemos a corrida dele naquele momento, é um quadro que nos fica na retina. É lógico que hoje em dia com as novas tecnologias podemos filmar 20 vezes. Mas o que conta, eu penso que a beleza, a Estética do Desporto não está na possibilidade de eu fixar o gesto na fotografia ou no filme mas está exactamente no efémero do gesto, quer dizer, é um gesto que se executa num determinado tempo, que me dá uma série de sensações, quer como espectador quer como executor do gesto e que se esgota e eu depois tenho de ir à procura, quer dizer, não existe uma fixação naquele gesto a validação estética do gesto é pelo seu carácter efémero. Quando nós pintamos um

corredor num quadro já está morto, numa estátua já está morto, num filme já está meio morto, o que conta é o momento, é como vemos um jogo de futebol repetido à posteriori quando já sabemos o resultado. O que conta é a descoberta, a Estética tem um pouco a ver com este momento, Estética do Desporto, com a descoberta do momento, quando o nosso “oh” na ginástica, quando nos aparece um movimento que não conhecemos, fantástico. Quando os gestos são perfeitamente já admitidos não nos provocam o “oh” da admiração, o “oh” da fruição Estética. Gostamos, está muito bem executado, mas o que evidencia a minha dimensão da fruição estética do Desporto é sempre a novidade, o “oh” que nos admira quando vemos o indivíduo a correr de determinada forma, quando salta de determinada forma, joga de determinada forma, quando algo de inesperado acontece, aí sim, a expressão estética máxima do fenómeno desportivo.” (Entrevista 6)

Para Cunha e Silva (1995), recorrendo à perspectiva e à mais-valia estética, estamos em condições de redimensionar e engrandecer o objecto. Deste modo, e remetendo para o nosso campo de estudo, podemos afirmar que a Estética do Desporto busca atribuir novos significados, novas interpretações, novas formas de apreciar o fenómeno desportivo, tal como nos é transmitido por uma das entrevistadas.

[E a Estética] (...)estuda o Desporto de uma forma diferente àquela que nós estamos habituados a vê-lo, ou seja, normalmente nós só costumamos ver o Desporto consoante as pessoas com os olhos da técnica, com os olhos do espectáculo, pronto, dentro desses prismas e a Estética vai ajudar um bocadinho a vê-lo de outras formas, quer ele seja aparentemente estético ou não..” (Entrevista. 5).

“Então acho que o estudo dessa área que veio contribuir bastante para se ver o Desporto de outras formas diferentes mesmo aqueles que à partida nos parecem estéticos que são tipo a ginástica, a patinagem, e esses desportos como a natação sincronizada e isso, após esses estudos com as várias

categorias que são lá incluídas, consegue-se fazer uma análise mais aprofundada do Desporto em si.” (Entrevista 5)

Apresentamos de seguida as categorias Estéticas que foram focadas apenas por um ou dois entrevistados e as quais colocamos em plano secundário.

❖ Sincronia

Esta categoria foi evidenciada especialmente pelos praticantes de remo, pois é bastante característica da modalidade quando praticada colectivamente.

“É um movimento sincronizado, simbiose entre o remador, remo e água ou rio ou mar, harmonia com a natureza, sincronismo, beleza no conjunto.” (...) *acho que há ali equilíbrio, há estereótipos de movimento, porque é sempre a mesma coisa, há equilíbrio, há simetria.” (Entrevista 10)*

“É uma forma muito simples que é a sincronia do movimento, o movimento aparente mecânico, pode ser feito por várias pessoas parecendo uma.” (...) *“Tem a sua sincronia muito própria também, ao contrário da natação sincronizada não é, talvez aqui um sentimento, a imagem de unidade seja ainda mais forte.” (...)* *“Sincronia, equipa, velocidade, eu acho que deve andar muito por aí.” (Entrevista 11)*

❖ Eficiência e Domínio

Sobre esta temática opina Takács (1989) que refere que quando o corpo se move eficientemente, apresenta uma fluidez e graça que é a sua beleza.

A eficácia do gesto é também focada por Bento (1995), que afirma que o atleta que persegue uma estratégia de rendimento persegue igualmente o gesto belo, na medida em que toma consciência de que o gesto eficaz é belo.

“Aquele domínio, isto tem uma beleza (...)” (Entrevista 6)

“O que aquilo pressupõe de treino e de domínio corporal e domínio mental (...)” (Entrevista 6)

Também no entender de Lacerda (2002), a eficiência aparece como uma categoria Estética muito importante, em relação directa com outras como superação, emoção, harmonia, contribuindo para a elevação do carácter estético do Desporto.

“Quando se consegue vencer um rio de grau 5, com eficiência, com proficiência, com beleza, domínio, eu quero que me apreciem a Estética do que está subjacente a esse domínio.” (Entrevista 6)

O nível de dificuldade dos elementos realizados pode, segundo Kupfer (1988) incrementar as qualidades Estéticas dos movimentos, embora não seja a dificuldade em si que é valorizada do ponto de vista estético mas, por seu intermédio, é possível apreciar uma performance em que realçam a agilidade, a amplitude, a graça e a força do corpo humano.

❖ Graciosidade

Relativamente a esta categoria achamos pertinente citar Cordner (1995), pois este autor discute de forma aprofundada a categoria Estética graça, e afirma que o que sustenta a graça de um movimento é a sua funcionalidade. O mesmo autor vai mais além afirmando que os conceitos de harmonia (ou acordo entre todos os elementos) e de facilidade (ou ausência aparente de esforço) confluem, igualmente, para a graça de um movimento desportivo.

“Beleza do movimento, do gesto, da forma e suavidade e graciosidade que o atleta pode fazer os exercícios, possa utilizar o seu corpo.” (Entrevista 2)

“É Estética pela graciosidade e os outros pela não graciosidade.” (Entrevista 9)

“A ginástica, pela graciosidade com que a gente vê não é, pelos desenhos, pelos figurinos que provocam.” (Entrevista 9)

“Todos os Desportos têm a sua estética, a sua graça.” (Entrevista 9)

Contudo é opinião de um entrevistado que o conjunto de todas as categorias Estéticas focadas atravessam a Estética do Desporto.

“Essa expressividade, esse domínio, essa fluidez de movimento, essa suplesse, essa graciosidade (...) portanto esses conceitos atravessam toda a Estética do Desporto.” (Entrevista 6)

❖ Contacto com a natureza e liberdade

À semelhança da sincronia, também estas duas categorias foram referidas pelos praticantes de remo, por ser naturalmente uma modalidade de ar livre e que por esse mesmo motivo provoca inúmeras sensações e emoções em quem pratica nomeadamente a sensação de liberdade.

“Dá-me contacto com a natureza.” (Entrevista 9)

“Pois tem uma componente muito forte, (...), que é o contacto com a natureza que é formidável (...)” (Entrevista 11)

No entender de Adorno (1970), intimamente ligada à autonomia Estética está a ideia de liberdade.

Segundo ele, o fundamental é que se defina a beleza por referência ao seu conteúdo total que é a “liberdade humana”. Num conceito científico, a beleza não pode ser outra coisa senão uma forma especialmente definida de liberdade humana. É o mesmo com o Desporto. E liberdade em tal interpretação pode ser usada para detalhar a essência da Estética e das categorias estéticas. (Tackács, 1989).

“Deu-me a mim sempre uma sensação de liberdade e uma sensação de alegria muito grande (...) Liberdade. Muita liberdade.” (Entrevista 9)

De acordo com este entendimento, é possível então dizer que o objectivo fundamental de todas as actividades Estéticas é incrementar a liberdade do homem (Takács, 1989). O Belo e o Feio, de acordo com esta concepção, correspondem à liberdade, ou falta dela, expressas de forma sensível nos aspectos visuais e auditivos dos objectos naturais, sociais e artísticos (ibid.). Para Takács a Beleza contém sempre um ideal de liberdade, expressa-a, evoca-a ou simboliza-a.

Seguidamente é apresentado um quadro síntese com as categorias evidenciadas por cada entrevistado.

Quadro nº 2 – Categorias estéticas focadas pelos inquiridos

Entrevistados	Categorias Estéticas
Entrevistado 1	Beleza, gosto/afinidade, perfeição, leveza, prazer, fluidez, (som, luz, cor).
Entrevistado 2	Perfeição, beleza, harmonia, gosto/afinidade, suavidade, graciosidade, coordenação.
Entrevistado 3	Criatividade, espectacularidade, limite, beleza, harmonia, flexibilidade, superação, coordenação, sincronismo, fluidez, gosto/afinidade, diversidade, expressividade, perfeição.
Entrevistado 4	Perfeição, beleza, criatividade, inteligência, afinidade
Entrevistado 5	
Entrevistado 6	Beleza, superação, perfeição, domínio, fluidez, <i>souplesse</i> , criatividade, coordenação, eficiência, expressividade, graciosidade, punição.
Entrevistado 7	Beleza, gosto/afinidade, delicadeza, elegância.
Entrevistado 8	Beleza, gosto/afinidade, técnica,
Entrevistado 9	Forma, estilo, condição física, qualidade de vida, graciosidade, equilíbrio, domínio, liberdade.
Entrevistado 10	Beleza, harmonia, sincronização, perfeição, equilíbrio, simetria, força, gosto/afinidade.
Entrevistado 11	Harmonia, resultado, eficiência, sincronismo, unidade, equipa, velocidade, gosto/afinidade, equilíbrio, delicadeza.

Conclusões

5. Conclusões

Para a consecução deste trabalho foram percorridas várias etapas e todas elas se mostraram de importância vital para o enriquecimento deste documento.

Levamos a cabo, numa parte inicial, uma pesquisa bibliográfica criteriosa de modo a sustentar todo o trabalho a desenvolver. Deste modo, ficou bem patente que o Desporto é um fenómeno marcadamente presente na sociedade, com uma essência tão rica e variada, que é nos dias de hoje, contemplado de diferentes pontos de vista, entre os quais o ponto de vista estético, muito em parte devido à sua diversidade de manifestações e expressões, como consequência do lugar de grande relevo que progressivamente foi assumindo.

Essa vertente estética permite-nos, tal como nos referem os autores da literatura bem como os inquiridos, analisar o Desporto de diferentes formas e de diferentes pontos de vista. A Estética do Desporto torna-se assim uma área de estudo com cada vez maior importância.

Tendo em vista esta crescente importância e a diminuta pesquisa que ainda se faz nesta área, foi nosso propósito estudar o entendimento de Estética do Desporto por parte de atletas veteranos de referência, assumindo que possuem uma experiência desportiva muito mais alargada, e um conhecimento do Desporto mais aprofundado, de forma a contribuir um pouco para o conhecimento e compreensão desta temática.

Foi nossa intenção ainda perceber se conceitos como valor estético, experiência estética e categoria estética marcavam presença no seu discurso.

Para a concretização dos nossos propósitos, realizamos uma entrevista semidirectiva aos atletas em estudo, submetendo-as posteriormente à técnica de análise de conteúdo. Os resultados permitiram-nos evidenciar um quadro de categorias que marcaram presença, de forma mais evidente, no discurso dos inquiridos.

Relativamente a essas categorias podemos afirmar que foram de encontro ao evidenciado pelos autores da literatura, facto que já esperávamos que acontecesse. As categorias que se evidenciaram foram a beleza, perfeição, superação/transcendência, criatividade, harmonia, fluidez, que ressaltaram,

entre outras, as quais remetemos para um segundo plano, digamos assim. Também foi possível fazer uma associação positiva entre gosto/afinidade por um desporto e atribuição de valor estético.

Passamos de seguida a referenciar essas categorias:

❖ Beleza

Tal como já era esperado, uma grande parte dos inquiridos recorreu ao conceito de beleza para explicar em que consistia a Estética do Desporto, facto que vem de encontro ao que referem alguns autores da literatura, que nos afirmam que é comum esta associação, contudo beleza é um conceito bastante subjectivo e muito difícil de definir, pelo que nos propusemos a descodificá-lo em sub categorias;

❖ Perfeição

Intimamente associada à beleza, a perfeição aparece no discurso dos entrevistados como qualidade técnica, e joga no engrandecimento da Estética do Desporto. De facto, também os dados da literatura nos referem que esta associação poderá ser feita, na medida em que, quanto mais eficiente for um movimento, mais perfeito, mais gracioso e mais belo se torna, tal como nos refere Boxill (1988).

❖ Superação / Transcendência

Esta categoria encontra-se muito ligada ao Desporto e ao atleta, pois ele busca de forma intensa, atingir os limites, superar-se a cada dia, ultrapassar recordes e isso é um dos aspectos que torna o Desporto belo. O desejo de excelência, de atingir metas superiores, o que isso pressupõe de esforço e dedicação, não é mais do que a essência do Desporto. Como já esperávamos, a opinião dos inquiridos vem consolidar a opinião dos autores da literatura.

❖ Criatividade

Categoria igualmente importante e que determina a nossa fruição estética, pois quando as actividades possuem um grau de formatação muito elevado, quando o grau de previsibilidade aumenta, perdem o entusiasmo, perdem a espectacularidade. A fruição estética do Desporto é momentânea, é efémera, é o “oh” que nos provoca admiração e excitação. Estas palavras são o cerne do discurso elaborado pelos entrevistados e, tal como as categorias anteriores, também a criatividade foi mencionada na literatura por inúmeros autores, como incrementadora da apreciação estética de um Desporto.

❖ Harmonia

Foi possível identificar alguma convergência de opiniões entre os atletas em relação à presença e importância desta categoria. Ela foi evocada como associada ao termo Estética, sendo que nas palavras dos entrevistados Estética remete para a beleza e para a harmonia.

Do mesmo modo também não foi difícil encontrar nos dados da literatura referências que sustentassem as opiniões dos inquiridos, pois foram inúmeros os autores que focaram esta categoria.

❖ Fluidez

Fluidez aparece no discurso dos entrevistados como algo que remete para a beleza do movimento, quando este é solto, sem deformações, quando não há movimentos parasitas. É neste sentido que os inquiridos visualizam esta categoria como fomentadora da presença de Estética no Desporto. Perante isto podemos verificar que existe conformidade com os dados da literatura pois também os autores referem que a fluidez contribui para a apreciação Estética de um Desporto.

❖ Gosto / Afinidade

Esta já não é uma sub categoria da beleza, contudo era nosso objectivo inicial verificar se os entrevistados faziam uma associação positiva entre o gosto/afinidade por um determinado Desporto e atribuição de valor Estético. De facto foi possível admitir essa relação, já que a quase totalidade dos entrevistados considerou que qualquer apreciação estética que façamos, relaciona-se intimamente com a afinidade que temos com o objecto, bem como o conhecimento e experiência que possuímos.

Posto isto, podemos concluir então, que os dados que retiramos do discurso dos entrevistados vêm muito ao encontro do que é evidenciado pela literatura. É opinião geral que existe Estética no Desporto, mas que por outro lado essa estética se altera conforme a modalidade, sendo que é muito própria de cada uma, dependendo das suas características.

Bibliografia

6. Bibliografia

- Adorno, T. (1970). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.
- Alonso-Geta, P. M. (1991). Education estetica . In Dykinson (ed.), *Filosofia de la educación hoy* (pp. 757-768). Madrid: Editorial Dykinson.
- Arnold, P. (1997) *Sports, ethics and education*. Cassel Education.
- Aspin, D. (1974). *Creativity in sport, movement and physical education*. In Hans Lenk (ed.), *Topical problems of sport philosophy*, pp. 185-202. Schomdorf: Verlag Karl Hofmann.
- Aspin, D. (1983). *Creativity in sport, movement and physical education*. In Hans Lenk (ed.), *Topical problems of sport philosophy*, pp. 185-202. Schomdorf: Verlag Karl Hofmann.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bayer, R. (1997). *História da Estética*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Beardsley, M. & Hospers, J. (1997). *Estética: historia y fundamentos* (11^a edición.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Bento, J. (1995). *O outro lado do Desporto*. Porto: Campo de Letras.
- Bento, J. (1997). *Um olhar do norte*. Porto: Campo de Letras.
- Bento, J. (1998). Desporto e Humanismo. O campo do possível. In M. González, A. Areces, R. Martín & J. Salvador (Eds.), *Deporte e Humanismo en Clave de futuro* (pp. 115-132). Corunha: Instituto Nacional de Educação Física da Galiza. Actas do VI Congresso de

Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa e VII Congresso Galego de Educação Física, Galiza, 1998.

- Bento, J. (2006). Corpo e Desporto: Reflexões em torno desta relação. In W. Moreira (Org.), *Século XXI: A era do corpo ativo* (pp. 155-182). São Paulo: Papirus.
- Best, D. (1988). The aesthetic in sport. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 477-493. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boxill, J. (1988). Beauty, Sport and Gender. In W. Morgan & K. Meier (Eds.), *Philosophy inquiry in Sport* (pp. 509-518). Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, Inc..
- Burgess, R. (2001). *A Pesquisa no Terreno. Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Cordner, C. (1995). Grace and functionality. In W. Morgan & K. Meier (Eds.), *Philosophy inquiry in Sport* (second edition), pp. 407-414. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, Inc.
- Costa, A. (1996). Dos símbolos e mitos desportivos à estética do humano. Comunicação no Seminário. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. (Não publicado)
- Costa, A. (1997). *À Volta do Estádio. O Desporto, o Homem e a Sociedade*. Porto: Campo das Letras.

- Cunha e Silva, P. (1995). *O lugar do corpo*. Elementos para uma cartografia fractal. Porto: P. Cunha e Silva. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Cunha e Silva, P. (1999). *O lugar do corpo*. Elementos para uma cartografia fractal. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dufrenne, M. (1988). *Esthétique et Philosophie*. Tome 1. Paris: Éditions Klincksieck.
- Elias, N.; Dunning, E. (1985). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- Fernandes, A. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Porto: Campo das Letras.
- Galvin, R. (1985). Aesthetic incontinence in sport. In David Vanderwerker & Spencer Wertz (eds.), *Sport inside out*, pp.519-524. Fort Worth: Texas Christian University Press.
- Garcia, R. (1999). Da Desportivização à Somatização da Sociedade. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça, *Contextos da Pedagogia do Desporto*, (pp. 115-163). Lisboa: Livros Horizonte.
- Garcia, R. & Lemos, K. (2005). *Temas (quase éticos) de Desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Gaya, A. (2006). Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. In G. Tani, J. Bento & R. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 101-112). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Gervilla, E. (1993). *Postmodernidad y Educación. Valores y cultura de los jóvenes*. Madrid: Dykinson.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito*. Teoria e Prática (3ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. (1ª Edição) Edição principia.
- Hegel, G. (1993). *Estética*. Traduções de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Guimarães Editores.
- Huizinga, J. (1972). *Homo Ludens*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.
- Hyland, D. (1990). *Philosophy of Sport*. St. Paul, Minnesota: Paragon House.
- Kirk, D. (1984). Physical education, aesthetics and education. *Physical Education Review*, vol. 7, nº 1: 65-72.
- Kuntz, P. (1985). Aesthetics applies to sports as well as to the arts. In David Vanderwerker & Spencer Wertz (eds.), *Sport inside out*, pp.492-509. Fort Worth: Texas Christian University Press.
- Kupfer, J. (1988). Sport – The body electric. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 455-475. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, Inc.
- Lacerda, T. (1997). Para uma Estética do Desporto. *Horizonte*, XIII (78), 17-21.

- Lacerda, T. (2000). Equilíbrio e Força: das capacidades motoras às categorias Estéticas. *Horizonte*, XVI (96), 21-22.
- Lacerda, T. (2001). Acerca da Estética, Desporto e educação de crianças e jovens. In Gomes, P. B. & Graça, A. (eds.) *Educação Física e Desporto na Escola. Novos desafios, diferentes soluções* (pp.43-48). Porto: FCDEF-UP.
- Lacerda, T. (2002). *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*. Porto: T. Lacerda. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Lacerda, T. (2004). Acerca da natureza da experiência Estética desencadeada pelo encontro com o Desporto e do seu contributo para a Educação Estética do ser humano. In E. Lebre & J. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física. Ofícios da Profissão* (pp. 301-307). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Lacerda, T. (2007). A magia dos jogos desportivos e a Estética do Desporto. In *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Volume 7. Supl. 1. Julho 2007.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, S. (1987). *Desporto, jogo e arte*. Lisboa: edição do Ministério da Educação, Direcção-geral dos Desportos.

- Lipovetsky, G. (1992). O Crepúsculo do Dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos. Publicações Dom Quixote.
- Lovisolo, H. (1997). *Estética, Esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Marques, A. & Gomes, M^a. P. (1990). Do Perfil de uma Estética do Desporto. In J. Bento e A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 218-226). Porto: Universidade do Porto –Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.
- Marques, A. (1993). Desporto arte e Estética. Fronteiras e espaços comuns. In Jorge Bento & António Marques (eds.), *A ciência do Desporto, a cultura e o homem*, pp. 31-39. Porto: FCDEF-UP, CMP.
- Marques, A. (2000). Desporto e Futuro. O Futuro do Desporto. In J. Garganta (Eds.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (pp. 7-20). Porto: Universidade do Porto –Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Masterson, D. (1983). Sport, theatre and art in performance. In Hans Lenk (ed.), *Topical problems of sport philosophy*, pp. 169-183. schomdorf: Verlag Karl Hofmann.
- Moderno, J. (1998) *Estética da Contradição*. Rio de Janeiro. Editora Moderno.
- Osterhoudt, R. (1991). *The philosophy of sport: an overview*. Champaign, Illinois: Stipes Publishing Company.

- Pais, J. (2004). *Culturas Juvenis* (2ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Parry, J. (1989). Sport, art and the aesthetics. *Sport Science Review*, 12º ano: 15-20.
- Patrício, M. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Porpino, K. (2003). Interfaces entre Corpo e Estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In R. Lucena & E. Souza (Org.), *Educação Física, Esporte e Sociedade* (pp. 145-160). Paraíba, Brasil: Editora Universitária da UFPB –Universidade Federal da Paraíba.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Roberts, T. (1988). Sport, art and particularity: the Best equivocation. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 495-507. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, Inc.
- Rocha, L. (2007). *O valor estético do corpo do desportista deficiente. Estudo de caso com dois atletas paralímpicos, Leila Marques e João Paulo Fernandes*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy & D. Saint-Georges (Eds.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.

- Sobral, F. (1990). Para uma crítica axiológica do Desporto e Da educação corporal. In Jorge Bento & António Marques (eds.), Desporto, ética, sociedade, pp.133-142. Porto: FCDEF-UP.
- Takács, F. (1989). Sport Aesthetics and its Categories. *Sport Science Review*, 12º ano, 27-32.
- Teixeira, J. (1998). *Reconstrução simbólica do corpo do amputado*. Porto: J. Teixeira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Vilas Boas, A. (2006). *A cultura visual desportiva*. Matosinhos: Saúde e Sá –Artes Gráficas.
- Wertz, S. (1988). Context and intention in sport and art. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 523-525. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher, Inc.
- Witt, G. (1989). The World of Sport –a world of aesthetic values. *Sport Science Review*, 12º ano, 10-15.
- <http://www.hottopos.com.br/regeq5/expdvida.html>

Anexos

Anexo I – Pedido aos elementos que compõem o estudo

Exmo. Senhor Professor

Na qualidade de estudante de licenciatura da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, encontro-me a preparar a minha monografia que procurará conhecer o entendimento do Desporto sob a perspectiva Estética, por parte de atletas veteranos.

O instrumento para a recolha de dados consiste numa entrevista.

Só será possível concretizar o estudo (e finalizar a minha licenciatura) se puder contar com a sua preciosa colaboração.

Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados na realização do trabalho, pelo que será garantido total anonimato.

Agradeço reconhecidamente a sua colaboração e fico a aguardar resposta.

Porto, Junho de 2008.

(Sara Isabel Vilaça Ferreira)

Anexo II – Guião da Entrevista, 1ª versão

1. Estética do Desporto. Já ouviu falar deste conceito?

1.1) Se sim, diga-me então tudo o que possa esclarecer este conceito (claro que a partir do seu ponto de vista).

1.2) Se não, se lhe pedir para associar Desporto e Estética, o que lhe é dado dizer?

2. Vou-lhe pedir que pense em todos os desportos que conhece e que procure discorrer acerca da possibilidade de alguns deles se situarem próximos da Arte. Ou então sobre a possibilidade de possuírem características que se inscrevem no domínio da Estética.

3. Por exemplo, imagine que vou agrupar algumas modalidades em duas categorias: os desportos estéticos e os desportos não estéticos

Estéticos

Ginástica rítmica

Ginástica artística

Natação sincronizada

Patinagem artística

Não estéticos

Futebol

Atletismo

Boxe

Basquetebol

Concorda com esta categorização?

4. Então em que é que consiste, como é que explica a estética da modalidade que pratica?

5. Será que há estética em todos os desportos?

6. Pensa que a afinidade com um determinado desporto condiciona a apreciação estética?

7. Se lhe falar em harmonia, equilíbrio, expressividade, ritmo, força, poder, que lhe é dado dizer sobre estas categorias estéticas?

Anexo III – Guião da Entrevista, 2ª versão

1. Estética do Desporto. Já ouviu falar deste conceito?

1.3) Se sim, diga-me então tudo o que possa esclarecer este conceito
(claro que a partir do seu ponto de vista).

1.4) Se não, se lhe pedir para associar Desporto e Estética, o que lhe é
dado dizer?

2. Vou-lhe pedir que pense em todos os desportos que conhece e que
procure discorrer acerca da possibilidade de possuírem características que se
inscrevem no domínio da Estética.

(caso o entrevistado funde a sua explicação numa aproximação à Arte)

Ou então sobre a possibilidade de alguns deles se situarem próximos da Arte.

3. Por exemplo, imagine que vou agrupar algumas modalidades em duas
categorias: os desportos hipoteticamente estéticos e os desportos
hipoteticamente não estéticos

Estéticos

Ginástica rítmica

Ginástica artística

Natação sincronizada

Patinagem artística

Saltos para a água

O que pensa desta categorização?

Não estéticos

Futebol

Halterofilismo

Boxe

Râguebi

Tiro

4. Será que há estética ou elementos/indicadores estéticos em todos os
desportos?

5. Em que é que consiste ou como é que explica a estética da modalidade que pratica (enunciar a modalidade)?
6. Em que medida a afinidade com um determinado desporto poderá condicionar a apreciação estética?
7. Se lhe falar em harmonia, equilíbrio, expressividade, ritmo, força, poder, que lhe é dado dizer sobre estas categorias estéticas? Viabilizam-lhe a explicitação do conceito de Estética do Desporto, ou sente necessidade de recorrer ou de acrescentar outras?

Anexo IV – Questionário de identificação dos entrevistados

Identificação do entrevistado

Sexo:

Idade:

Profissão:

Formação académica:

Com que idade iniciou a prática desportiva:

Modalidade (s) praticada (s):

Anos de prática:

- Desporto não federado:
- Desporto federado:

Participou em competições a nível internacional?

Já representou a selecção nacional?

Neste momento qual a sua ligação ao desporto?